

TROIANAS



TROIANAS

SÉNECA

tradução, posfácio e notas de
Ricardo Duarte

Troianas
Séneca

tradução, posfácio e notas: Ricardo Duarte
ilustração da capa: a partir de uma fotografia de Ricardo
Ávila
paginação: José Pedro Moreira
impressão: Várzea da Rainha Impressores

ISBN: 978-972-9376-30-6
Depósito Legal n. xxxxxx/xx
© 2014 Ricardo Duarte, e Centro de Estudos Clássicos
da Universidade de Lisboa

Centro de Estudos Clássicos
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade
1600-214 Lisboa
<http://www.fl.ul.pt/cec>

ÍNDICE

<i>Troianas</i>	p. 07
Posfácio.....	p. 71
Bibliografia.....	p. 86



TROIANAS

PERSONAGENS

TROIANOS

HÉCUBA, Rainha de Tróia, viúva de Príamo

ANDRÓMACA, viúva de Heitor

ANCIÃO

ASTÍANAX, filho de Andrómaca e Heitor

POLÍXENA (figurante), filha de Hécuba

CORO DE TROIANAS

GREGOS

TALTÍBIO, arauto de Agamémnon

PIRRO, filho de Aquiles

AGAMÉMNON, Rei de Micenas, comandante dos Gregos

CALCAS, um adivinho

ULISSES, Rei de Ítaca

HELENA, mulher de Menelau, irmão de Agamémnon

MENSAGEIRO

SOLDADOS (figurantes)

Sinais críticos usados

- * * * * * * * Texto em falta no manuscrito
- †.....† Texto considerado corrupto
- [.....] Texto considerado espúrio

Cena: nas planícies de Tróia, algures
entre as ruínas da cidade e a costa

Serviu de base à tradução que apresentamos a edição crítica de
Zwierlein *L. Annaei Senecae Tragoediae* (1986).
Para as anotações de texto secundário, de que esta carece,
socorremo-nos, todavia, da edição de Fantham (1982),
por entendermos que facilitam a leitura da peça.

ACTO PRIMEIRO

HÉCUBA

Todo aquele que confia no poder real e, poderoso,
reina num grande palácio e não teme os deuses volúveis
mas rende o espírito crédulo à prosperidade,
me veja a mim e a ti, Tróia: jamais a Fortuna apresentou
provas maiores de quão frágil é a posição 5
em que se equilibram os soberbos. Caiu por terra, derrubado,
o pilar

da Ásia grandiosa, obra-prima dos deuses;¹
para engrossar as suas hostes veio aquele que bebe
do gélido Tánais,² estendendo-se em sete bocas,
e aquele que, primeiro a receber o dia renascido,³ 10
confunde o tépido Tigre com o mar avermelhado⁴,
e aquela que, vendo diante de si, como vizinha, os nómadas Citas,⁵
bate a margem do Ponto com a caterva de mulheres sem marido;
ela foi destruída pelo ferro;⁶ Pérgamo deitou-se sobre si própria.⁷

1 As muralhas de Tróia tinham sido construídas por Neptuno e Apolo para Laomedonte, um dos primeiros reis de Tróia.

2 Reso da Trácia, herói que, à semelhança de Mémnon e de Pentésileia, referidos em seguida, combateu na Guerra de Tróia pelos Troianos e aí morreu. O Tánais era um rio da Cítia, actual Don. Era frequentemente considerado como a fronteira entre a Europa e a Ásia.

3 Mémnon, rei da Etiópia, filho de Eos / Aurora e de Titono.

4 Não o que actualmente designamos por Mar Vermelho (*sinus Arabicus*), mas antes o golfo pérsico entre a Arábia Saudita e a Pérsia.

5 Pentésileia, rainha das Amazonas.

6 Mantemos na nossa tradução a ambiguidade do texto original: não fica claro se o sujeito desta forma verbal é Tróia ou a Amazona Pentésileia.

7 A cidadela / acrópole de Tróia.

15 Eis que as muralhas, altos ornamentos, jazem amontoadas
sobre os telhados queimados; as chamas cercam o palácio do rei
e numa grande extensão a casa inteira de Assáraco⁸ fumeja.
Mas o fogo não afasta as mãos ávidas do vencedor:
Tróia é saqueada mesmo enquanto arde, nem o céu se mostra
20 por entre o fumo ondulante: a luz do dia, como que sufocada por
uma nuvem espessa, escurece suja com as cinzas de Ílio.
Ergue-se ávido de ira o vencedor e mede com os olhos
a resistente Ílio e, feroz, perdoa por fim
os dez anos; horroriza-se até mesmo com a cidade já prostrada,
25 e, apesar de a ver vencida, é a custo que crê
que ela tivesse podido ser vencida. O destruidor pilha os despojos
dardânios⁹; mas nem mil naus conseguem guardar o seu espólio.
Tomo por testemunhas o poder dos deuses, que me foi adverso,
e as cinzas da pátria e a ti, rei dos Frígios,
30 a quem Tróia agora cobre, sepultado debaixo de todo o teu reino,
e aos teus manes, de ti que, enquanto viveste, vivia Ílio,
e a vós, conjunto numeroso dos meus filhos,¹⁰
sombras menores: tudo o que aconteceu de adverso,
e os males que a sacerdotisa de Apolo¹¹ predisse, enfurecendo-se
em discurso
35 delirante, ainda que o deus impedisse que fosse acreditada,

8 Filho de Trós e bisavô de Eneias, por sua vez, filho de Vénus e de Anquises e que, depois da Guerra de Tróia, parte para fundar uma nova cidade, Roma.

9 O mesmo que troianos. Dárdano, filho de Júpiter e de Electra, foi o fundador da linha real troiana.

10 De acordo com Homero (*Il.* 24.495-496), eram dezanove os filhos de Príamo e Hécuba.

11 Cassandra. Filha de Príamo e Hécuba, havia prometido o seu amor a Apolo em troca do dom da profecia. Tendo recebido o presente do deus, Cassandra não manteve, porém, a sua palavra, pelo que foi punida por Apolo: as suas profecias nunca seriam acreditadas.

tudo isso eu, Hécuba, vi primeiro, quando estava grávida¹² e não
calei os meus medos¹³

e fui, antes de Cassandra, profetisa vã.

Não foi o prudente Ítaco¹⁴, nem o nocturno companheiro do
Ítaco¹⁵ quem espalhou chamas entre vós, nem o falaz Sínon¹⁶:
meu é esse fogo, ardeis por causa dos meus fachos. 40

Mas porque gemes as ruínas de uma cidade derrubada,
velhice vivaz? Olha, infeliz, para estes
lutos recentes. Tróia é já um mal antigo.

Vi o crime execrável do assassínio do rei,
crime ainda maior porque cometido no próprio altar, 45
quando o Eácida feroz nas armas,¹⁷ puxando para trás
a cabeça do rei pelo cabelo torcido na sua mão cruel,
enterrou o ferro nefando numa ferida muito funda;
e quando o rei recebeu de boa vontade esse golpe profundo,
a espada saiu seca do pescoço do ancião. 50

Nem mesmo tocando o derradeiro limiar de uma vida mortal,

12 Quando estava grávida da criança que se viria a chamar Páris ou Alexandre, Hécuba sonhou que dava à luz um facho ardente e que esse facho incendiava toda a cidade.

13 Hécuba informou do seu sonho Príamo, que indagou junto de Ésaco, seu filho, qual o seu significado. Este afirmou que a criança que ia nascer causaria a ruína de Tróia e aconselhou-o a eliminá-la à nascença. Mas em vez de matar o menino, Hécuba mandou expô-lo no monte Ida.

14 Ulisses, natural e rei de Ítaca.

15 Diomedes, filho de Tideu, companheiro de Ulisses em ataques nocturnos (cf. *Il.* 10).

16 Depois de terem construído o Cavallo de Pau, os Gregos partiram de Tróia, fingindo voltar para casa. Mas também deixaram para trás Sínon, um espião, que os deveria avisar do momento em que os Troianos tivessem levado o cavallo para dentro da cidade. Depois de isso ter acontecido, Sínon, já de noite, abre os flancos do cavallo, permitindo aos guerreiros que aí estavam escondidos que saíssem e massacrassem os Troianos adormecidos ou indefesos. Ao mesmo tempo, dá sinal aos barcos gregos para voltar, acendendo uma luz no ponto mais alto da cidade.

17 Pirro, descendente de Éaco.

pôde Príamo impedi-lo de infligir um fero assassínio,
ou os celestes, testemunhas do crime, ou uma espécie de santidade
do reino jazente? Pai famoso de tantos príncipes,
55 Príamo jaz sem sepulcro e carece de pira fúnebre
numa Tróia em chamas. Não é isso, todavia, suficiente para
os celestes:
eis que uma urna tira a sorte, escolhendo um senhor para as noras
e filhas de Príamo, e eu hei-de seguir na fila, como uma presa vil.
Este promete a si próprio a esposa de Heitor,
60 aquele deseja a mulher de Heleno¹⁸, um outro, a de Antenor¹⁹;
nem falta quem, Cassandra, pretenda o teu leito.
Temem que eu lhes calhe em sorte, sou o único motivo de medo
para os Dánaos²⁰.
Cessam as vossas lamentações? Minha turba de cativas,
batei no peito com as mãos, ofereci o vosso pranto e prestai
65 os ritos funerários devidos a Tróia. Ressoe agora, depois deste
tempo todo,
o Ida fatal, casa do ominoso juiz.²¹

18 Um dos filhos de Príamo, era o melhor dos áugures, mas também participou na guerra.

19 Um dos mais sábios e importantes conselheiros dos Troianos. Tal como Eneias, deixou Tróia, depois de a cidade ter sido tomada, e tornou-se o fundador de Patávio.

20 O mesmo que Gregos. Forma derivada de Dánao, rei mítico dos Argivos.

21 Páris vivia no Ida na altura em que lhe foi pedido que desse o seu veredicto numa contenda entre deusas. Quando os deuses se encontravam reunidos para celebrar as núpcias de Tétis e Peleu, Éris (a Discórdia) lançou para o meio deles uma maçã de ouro, dizendo que ela deveria ser dada à «mais bela» das três deusas: Atena / Minerva, Hera / Juno e Afrodite / Vénus. Nenhum dos deuses quis a responsabilidade de escolher entre as três divindades, e Júpiter ordenou a Mercúrio que as conduzisse ao monte Ida, onde Páris julgaria a questão. Uma após outra, as três deusas advogaram perante ele a sua causa. Se ele decidisse a seu favor, Juno assegurar-lhe-ia o domínio de toda a Ásia; Minerva, sabedoria e a vitória em todos os combates; Vénus, o amor de Helena de Esparta. Foi então que Páris decidiu que Vénus era a mais bela.

CORO

Não é a um povo inexperiente e desconhecedor de lágrimas
que ordenas o lamento:
isso temos feito por anos sucessivos,
desde que o hóspede frígio 70
chegou à Amiclas graia²² e o pinheiro consagrado
à mãe Cíbele fendeu o mar.²³
Dez vezes embranqueceu o Ida com as neves,
dez vezes foi desnudado para as nossas piras,
e nos campos do Sigeu²⁴ o segador temeroso 75
cortou a sua décima seara,
sem um único dia isento de dor,
mas sempre uma nova causa incita os gemidos.
Ocupai-vos do pranto,
e tu, rainha, levanta a tua mão desventurada; 80
nós, povo humilde, seguiremos a senhora;
não somos inexperientes nas lágrimas.

HÉCUBA

Fiéis companheiras da minha queda,
soltai as cabeleiras;
pelos ombros lúgubres fluam os cabelos 85
sujos com as cinzas tépidas de Tróia: 86

22 De acordo com Homero (*Il.* 2.584-587), Amiclas era uma das cidades da Lacónia governadas por Menelau. Páris era hóspede de Menelau em Esparta, perto de Amiclas, quando lhe seduziu a mulher, Helena. «Graio», o mesmo que «grego» (à semelhança de Vergílio, Séneca não usa o termo *Graecus*).

23 As florestas do Monte Ida foram responsáveis, não só pelas naus de Páris, mas também possibilitaram que Eneias construísse uma armada. A deusa Cíbele (muitas vezes chamada *magna mater* ou *genetrix*) era especialmente associada ao Ida.

24 Nome de um promontório (e de uma cidade) na Tróade, no ponto onde os Dardanelos se estendem. Aquiles e Pátroclo foram aí sepultados.

102 enchei as mãos,
103 isto é o que é permitido levar de Tróia.
87 Que a turba prepare os braços desnudados;
tendo deixado cair as vestes, ata as pregas,
e que os vossos corpos se descubram até à cintura.
90 Para que casamento escondes o peito,
pudor cativo?
Cinja o manto as vossas túnicas desapertadas,
desimpeça-se a mão furiosa
para os golpes do pranto incessante –
95 agrada-me esta aparência, agrada-me: reconheço
a turba troiana.
Voltem novamente os lutos antigos,
superei o habitual costume de chorar:
choramos Heitor.

CORO

Todas nós soltámos as cabeleiras
desfeitas por muitos funerais;
100 os nossos cabelos caem desembaraçados de nós
101 e a cinza férvida espalhou-se pelas nossas faces.
104 As vestes caem dos nossos ombros desnudados
105 e, presas por baixo, cobrem as nossas ancas;
já os seios nus chamam pelas nossas destras.
Agora, agora, revela a tua força, ó dor:
ressoem as praias do Reteu²⁵ com o pranto,
e que Eco²⁶, habitante dos montes escavados,
110 não repita breve, como costuma,

25 Promontório a norte de Tróia.

26 Eco era uma ninfa dos bosques e das fontes que, tendo amado em vão o belo Narciso, teria desaparecido depois de morta, convertendo-se numa voz que, a partir desse momento, jamais terá deixado de repetir as últimas sílabas das palavras pronunciadas por outros.

só as últimas palavras:
que devolva todos os gemidos de Tróia;
que todo o mar e o céu nos oiçam.
Sede cruéis, mãos,
golpeai o peito com pancadas violentas.
Não me satisfaço com o som habitual: 115
choramos Heitor.

HÉCUBA

Por ti as nossas destras laceram os braços,
e laceram por ti os ombros ensanguentados,
por ti as nossas destras batem na cabeça,
por ti se mostram os seios feridos 120
pelas mãos de uma mãe:
escorra e derrame-se com muito sangue,
de novo aberta,
toda e qualquer ferida que fiz no teu funeral.
Pilar da pátria, demora do destino,
tu eras a protecção dos Frígios fatigados, 125
tu eras a muralha, e sobre os teus ombros
por dez anos ela se manteve amparada:
caiu juntamente contigo e o último dia
de Heitor foi também o último dia da pátria.
Mudai o pranto: 130
por Príamo derramai as vossas lágrimas;
Heitor tem o suficiente.

CORO

Aceita, rei da Frígia, o nosso pranto,
aceita as nossas lágrimas, ancião duas vezes cativo.²⁷

27 Foi Laomedonte quem mandou construir as muralhas da cidade de Tróia, aos deuses Apolo e Posídon / Neptuno. No entanto, ter-se-ia recusado a pagar

135 Nada sofreu Tróia excepto uma vez, enquanto foste rei,
por duas vezes suportou que os muros dardânios fossem
fustigados
pelo ferro graio
e por duas vezes suportou as flechas hercúleas.²⁸
Depois de sepultados os filhos de Hécuba
e uma multidão de reis,
tu, o seu pai, pões termo aos funerais,
140 e, imolado como vítima ao grande Júpiter,
és, cadáver mutilado, um peso sobre as praias do Sigeu.

a quantia estabelecida às divindades, o que atraiu sobre o seu país todo o tipo de calamidades. Mais tarde, recusou-se a recompensar Hércules com os cavalos divinos que lhe havia prometido no caso de o herói matar o monstro marinho que Neptuno tinha enviado e a quem tinha sacrificado Hesíone. Hércules regressou à frente de um exército, tomou Tróia, com a ajuda de Télamon, e com as suas flechas matou, não apenas Laomedonte, mas também todos os seus filhos, à excepção de Príamo, que era, então, apenas uma criança. Da segunda vez que Tróia foi tomada, desta feita pelos Gregos, a vetusta idade de Príamo não o poupou de ser assassinado.

28 Filoctetes foi um dos chefes que se aliou à expedição contra Tróia. Durante a viagem, numa escala em Tenedos, foi mordido no pé por uma serpente. A ferida infectou de tal modo que exalava um odor insuportável. Ulisses não teve, por isso, dificuldade em persuadir os outros guerreiros a abandonar o ferido em Lemnos, quando a armada por aí passasse. Filoctetes permaneceu dez anos nessa ilha, alimentando-se de aves que ia matando com as flechas de Hércules. Entretanto, os Gregos ainda não haviam tomado Tróia. Páris morrera e Heleno, a quem havia sido recusada a mão de Helena, tinha-se refugiado nos montes, não conseguindo, porém, impedir que os Gregos o capturassem. Revelou-lhes que Tróia não poderia ser tomada a menos que, entre outras condições, os inimigos tivessem como armas as flechas de Hércules, que já uma vez haviam conquistado a cidade. Só elas poderiam reiterar tal feito. Ulisses partiu então para Lemnos, à procura de Filoctetes, a fim de o convencer de que era seu dever dirigir-se a Tróia. O herói não acedeu de imediato, mas acabou por ser persuadido por Ulisses.

HÉCUBA

Deixai cair as vossas lágrimas por outro motivo:
não devemos deplorar a morte
do meu Príamo, mulheres de Ílio.
«Feliz Príamo», dissei em conjunto: 145
livre, ele dirige-se para os manes das profundezas,
e não há-de suportar jamais o jugo graio
sobre os ombros vencidos;
ele não vê os dois Atridas²⁹
nem avista o pérfido Ulisses;
nem, como prisioneiro no triunfo argivo³⁰, 150
suportará submeter o seu pescoço aos troféus;
não há-de as mãos acostumadas ao ceptro
levar atrás das costas,
nem, seguindo o carro triunfal de Agamémnon
e levando na destra cadeias de ouro,
há-de integrar o cortejo na ampla Micenas. 155

CORO

«Feliz Príamo», dizemos todas nós:
partindo, levou consigo o seu reino.
Agora vagueia nas sombras tranquilas
do bosque Elísio³¹ e, feliz, entre
as almas piedosas procura por Heitor. 160
Feliz Príamo:
feliz todo aquele que, morrendo na guerra,
levou consigo todas as coisas destruídas.

29 Agamémnon e Menelau, filhos de Atreu.

30 Natural ou relativo a Argos. O termo designa, por extensão, os Gregos.

31 Morada, após a morte, dos heróis e homens virtuosos.

ACTO SEGUNDO

TALTÍBIO

Ó demora sempre longa para os Dánaos no porto³²,
165 quer queiram partir para a guerra, quer queiram partir para a
pátria.

CORO

Qual o motivo que provoca demora para as naus e para os Dánaos,
diz-nos, que deus fecha os caminhos de regresso?

TALTÍBIO

O meu espírito enche-se de pavor, um horrível tremor sacode-me
os membros.
Portentos grandes demais para ser verdade (a custo alcançam fé)
170 eu próprio vi, vi. O Titá³³ já tocava os mais altos cumes das
montanhas
170b com os primeiros raios, o dia vencera a noite,
quando, de súbito, sacudida, retumbando com um mugido surdo,
a terra extraiu todas as suas entranhas desde as mais íntimas
profundezas;
as árvores agitaram as copas e o excelso bosque
e a floresta sagrada³⁴ trovejaram com um fragor imenso;
175 as rochas do Ida caíram das cumeeiras despedaçadas.
[mas não só a terra tremeu: também o mar sentiu que o seu

32 Referência ao porto de Áulis, onde as tropas gregas se reuniram para embarcar para Tróia e onde Ifigénia foi sacrificada para aplacar a cólera de Ártemis / Diana, que impedia a partida das naus. O paralelo entre a presente demora e a demora suportada em Áulis perpassa por todo este acto.

33 O Sol.

34 O Monte Ida e as suas florestas estavam consagrados a Cibele.

Aquiles estava presente e fez rolar as suas ondas.^{35]}
 Então o vale fendido descobriu enormes cavernas
 e a fauce do Érebo³⁶ abriu pela terra rasgada um caminho
 para o mundo superior e levanta o túmulo. 180
 Irrompeu a sombra ingente do chefe tessálico,
 tal como quando, preludiando já o teu destino, Tróia,
 ele prostrou as hostes trácias³⁷ ou como quando derrubou
 o jovem filho de Neptuno³⁸, reluzente com a sua alva cabeleira,
 ou como quando, enfurecido entre as linhas de violento combate, 185
 obstruiu os rios de cadáveres e o Xanto, procurando o seu curso,
 vagueou vagaroso com uma corrente cruenta,
 ou como quando, vitorioso, se montou no carro soberbo
 e segurou as rédeas, arrastando Heitor e Tróia.
 O brado da sua ira encheu toda a praia: 190
 «Ide, ide, ociosos, levai as honras devidas
 aos meus manes, desancorai as vossas naus ingratas,
 vós que vos preparais para partir pelos meus mares. A Grécia
 pagou caro
 as iras de Aquiles e mais há-de pagar:
 que Políxena, depois de desposada pelas minhas cinzas, 195
 seja imolada pela mão de Pirro e regue o meu túmulo».
 Tendo dito isto, †ele rasgou a luz do dia com uma noite profunda†

35 O mar responde a Aquiles, filho da deusa marinha Tétis, uma das filhas de Nereu. Cf. nota 125.

36 Nome do mundo subterrâneo da morte.

37 Alusão obscura. Fantham (1982 236-237) sugere uma eventual referência à derrota e assassínio, por parte de Aquiles, de Tenes, governante de Tenedos e filho de Apolo, no percurso entre Áulis e Tróia. Na tradição pós-homérica da lenda de Aquiles, a morte de Tenes era um dos numerosos episódios que ligavam o herói ao seu destino. Tétis tê-lo-ia avisado de que se matasse um filho de Apolo, ele próprio, em Tróia, não poderia escapar a uma morte violenta.

38 Cicno.

e, retomando o caminho da morada de Dite³⁹, ao mergulhar,
ele selou o vasto abismo, enquanto a terra se unia. Jaz uma
calmaria
200 pelo oceano imóvel, o vento depôs as ameaças
e o mar murmura tranquilo com uma ondulação suave,
e das profundezas um coro de Tritões⁴⁰ entoou um cântico de
himeneu.

PIRRO

Ao confiares ao mar as tuas velas alegres, pronto para o regresso,
esqueceste-te de Aquiles, cuja mão, dele só,
205 destruiu Tróia, a qual, na breve demora que ganhou com a
morte dele, se equilibrou incerta sobre que lado haveria de cair?
Ainda que quisesses conceder o que é pedido e te apressasses,
estás atrasado em concedê-lo: já todos os chefes ganharam
o seu prémio. Que salário menor pode
210 ser dado a tão grande excelência? Ou não fez por merecer
aquele que, tendo recebido ordens para fugir da guerra e
prolongar,
ocioso, a sua vida numa longa velhice e superar os anos
do ancião de Pilos⁴¹, despiu os embustes da mãe
e as vestes falsas, e revelou a sua virilidade pegando em armas?⁴²

39 Dite, Plutão ou Hades, deus dos Infernos.

40 Conjunto de seres que fazem parte do séquito de Posídon / Neptuno. Têm a parte superior do corpo semelhante à de um homem, mas a parte inferior tem a forma de peixe. São normalmente representados a soprar em conchas que lhes servem de trompas.

41 Nestor de Pilos, na Messénia. Tinha vivido ao longo de mais de duas gerações e ainda era rei na terceira. A sua longevidade era proverbial.

42 Um oráculo revelara a Tétis que Aquiles devia morrer diante de Tróia. Quando os Gregos estavam de partida para a Ásia, para destruir a cidade de Príamo, Tétis resolveu ocultar o jovem, revestindo-o de trajes femininos e fazendo-o viver na corte de Licomedes, o rei de Círos, onde desfrutou da companhia

Télefo⁴³, insolente no seu reino inóspito, 215
ao negar-lhe entrada na Mísia feroz,
tingiu-lhe a destra inexperta com o seu sangue real
e sentiu essa mão ao mesmo tempo forte e suave.
Tebas⁴⁴ caiu aos seus pés, viu Eécion, vencido,
serem tomados os seus reinos; a pequena Lirnesso⁴⁵, implantada 220
num cume elevado, foi derrubada por semelhante desgraça,
terra conhecida por causa da captura de Briseida⁴⁶,
e em ruínas jaz também Crises, motivo de litígio entre os reis⁴⁷,

das filhas do rei. Aí terá permanecido nove anos. Chamavam-lhe Pirra (i.e., «a Ruiva»), por causa dos seus cabelos, de um loiro ardente. Assim disfarçado, ele uniu-se a Deidamia, uma das filhas de Licomedes, e dela teve um filho, Neoptólemo / Pirro. Contudo, esse disfarce revelou-se inútil para enganar o destino. Ulisses soubera pelo adivinho Calcas que Tróia não poderia ser tomada sem a participação de Aquiles. Pôs-se à sua procura e acabou por descobrir o local do seu refúgio. Aí, fez soar repentinamente a trombeta em pleno harém de Licomedes. Enquanto as mulheres fugiram, apavoradas, Aquiles, sozinho, ficou onde estava e pediu que lhe trouxessem armas, tão forte era nele o instinto guerreiro.

43 Rei da Mísia, filho de Hércules e de Auge. Aquando da sua primeira tentativa contra Tróia, os Gregos desembarcaram na Mísia, acreditando que se encontravam na Frígia. Télefo fez frente aos invasores, matando muitos deles. Mas quando Aquiles se apresentou, Télefo, assustado, fugiu. Na perseguição, prendeu o pé num cepo de vinha, caiu, e Aquiles feriu-o com a lança na perna. Os Gregos fizeram-se de novo ao mar.

44 Não a cidade da Beócia, fundada por Cadmo, mas sim a Tebas da Mísia, perto de Tróia, reino de Eécion.

45 Cidade da Mísia, perto de Tróia.

46 Homero (*Il.* 2.691) menciona a destruição simultânea de Lirnesso e de Tebas. De acordo com esse passo, foi em Lirnesso que Aquiles capturou Briseida (cf. *Il.* 19.60).

47 Agamémnon foi obrigado a devolver a cativa Criseida, capturada em Crises, cidade da Mísia, consagrada a Apolo. Durante uma expedição dos Gregos contra a cidade de Tebas da Mísia, Criseida foi capturada e oferecida a Agamémnon como parte do saque. O seu pai reclamou junto do rei a sua restituição, mas este recusou o pedido. Crises suplicou, então, a Apolo que mandasse aos Gregos uma peste que os fizesse anular essa decisão. O deus assim fez. Os Gregos obrigaram

e Ténédos⁴⁸, célebre pela sua fama, e a fértil Siros⁴⁹,
 225 que nutre os rebanhos trácios com ricos
 pastos, e Lesbos, que fende o mar Egeu,
 e Cila⁵⁰, cara a Febo; e o que aconteceu às terras que o Caíco⁵¹
 banha
 enchendo os seus remoinhos com as águas primaveris?
 Um tão grande extermínio de povos e um pavor tão grande,
 230 tantas cidades devastadas como que por um imenso furacão,
 teriam sido a glória e a honra suprema de qualquer outro homem:
 para Aquiles foi apenas uma viagem; foi assim que o meu pai veio
 para cá
 e este o grande número de guerras que conduziu, enquanto se
 preparava para a guerra.
 Para que eu cale os seus outros méritos, só Heitor
 235 não teria sido suficiente? O meu pai venceu Ílio,
 vós apenas a saqueastes. Agrada-me narrar os ínclitos louvores
 e os feitos ilustres do meu notável pai:
 Heitor tombou morto ante os olhos do seu pai
 e, ante os do tio, Mémnon, por cujo luto a mãe
 240 fez avançar um dia lúgubre com o rosto empalidecido;⁵²
 e o vencedor horrorizou-se com o exemplo do seu próprio feito,
 e Aquiles aprendeu que até os filhos de uma deusa morrem.
 Então, caiu a cruel Amazona, a última ameaça.⁵³ –
 Tu deves a Aquiles, se dignamente julgas os seus méritos,

Agamémnon a restituir Criseida, mas o rei, em troca, exigiu Briseida. Foi esta a causa da cólera de Aquiles.

48 Ilha na costa de Tróia, famosa pelo templo de Apolo.

49 Provavelmente uma cidade na Frígia.

50 Cidade da Mísia.

51 Rio da Mísia.

52 Príamo era pai de Heitor e tio de Mémnon, cuja mãe era a Aurora.

53 Pentesileia, que veio ajudar Tróia depois da morte de Heitor.

mesmo que ele exija uma virgem de Micenas ou de Argos. 245
Resta ainda alguma dúvida? Ou de súbito aprovas agora medidas
clementes

e crês ser cruel sacrificar a filha de Príamo
ao filho de Peleu? Mas, como pai, a tua própria filha
imolaste a Helena: peço-te coisas já habituais e feitas.⁵⁴

AGAMÉMNON

Vício próprio dos jovens é não poder dominar os ímpetos; 250
este primeiro ardor da juventude arrebatava outros,
a Pirro, arrebatava-o o ardor do pai. Em tempos eu suportei,
impassível, o orgulho e as ameaças cruéis do orgulhoso Eácida:
quanto maior for o teu poder, mais pacientemente deves suportar.
Para quê respingar com um sangue ominoso a nobre sombra 255
de um chefe ilustre? É preciso saber-se, em primeiro lugar,
o que é permitido ao vencedor fazer, e ao vencido sofrer.
Ninguém mantém por muito tempo um poder violento,
o poder moderado perdura; quanto mais alto a Fortuna
eleva e exalta a força humana, 260
tanto mais é preciso que o afortunado se humilde
e estremeça com as mudanças incertas, temendo os deuses
excessivamente favoráveis. Que as grandes coisas são destruídas
num instante, aprendi-o vencendo. Tróia faz-nos excessivamente
orgulhosos e ferozes? Nós, os Dánaos, equilibramo-nos agora na 265
mesma posição

54 Antes de partir para Tróia, a armada grega encontrava-se retida em Áulis por prolongada calmaria, já que Agamémnon provocara a cólera de Ártemis / Diana. Consultou-se o adivinho Calcas, que respondeu que a ira da deusa só poderia ser aplacada se Agamémnon consentisse em lhe sacrificar a sua filha Ifigénia, que na altura se encontrava com a mãe, Clitemnestra, em Micenas. Primeiro, Agamémnon recusou, mas, pressionado pela opinião geral e sobretudo por Menelau e Ulisses, acabou por ceder. Mandou vir a filha sob pretexto de a casar com Aquiles e ordenou a Calcas que a oferecesse em sacrifício no altar de Diana.

donde ela caiu. Reconheço-o, insolente
 e soberbo com o poder real, em tempos elevei-me a mim próprio
 muito alto;
 mas refreou essa minha arrogância o mesmo motivo
 que a poderia ter dado a outros, o favor da Fortuna.
 270 Tu tornas-me soberbo, Príamo? Tu tornas-me temeroso.
 Poderia eu pensar que os ceptros são algo mais do que
 um mero nome revestido de fulgor ilusório, ou uma cabeleira
 adornada com um traiçoeiro diadema? Um acaso volúvel há-de
 roubar tudo isto,
 e talvez não com mil naus nem em dez anos:
 275 não é a todos que a Fortuna ameaça com tamanha lentidão.
 Pela minha parte, hei-de reconhecê-lo (possa eu dizer isto,
 com todo o respeito, terra argiva): eu quis que os Frígios
 fossem prostrados e vencidos: oxalá eu tivesse impedido que
 fossem arruinados
 e nivelados pelo chão; mas não é possível dominar com freios
 280 a ira e a espada inflamada e uma vitória
 confiada à noite. Tudo o que possa ter parecido indigno ou fero,
 a quem quer que seja, a dor o fez
 e as trevas, nas quais se excita o próprio furor,
 e o gládio próspero, que, uma vez manchado de sangue,
 285 ganha uma libido insana. Que permaneça tudo o que pode
 subsistir de Tróia destruída: foi reclamado o suficiente
 dos castigos e mais ainda. Mas que uma virgem real morra
 e que a um túmulo seja oferecida como dádiva e que regue as
 cinzas
 e que chamem casamento ao crime atroz de um assassínio,
 290 não hei-de permitir. Sobre mim recai a culpa de todos:
 quem não impede um crime quando pode, ordena-o.

PIRRO

Acaso não hão os manes de Aquiles de receber recompensa
nenhuma?

AGAMÉMNON

Hão-de receber, e todos o hão-de cantar com louvores,
e as terras desconhecidas ouvir o seu grande nome.
Mas se as cinzas são reconfortadas com sangue derramado, 295
degolem-se as gordas cervizes dos rebanhos frígios,
e que o sangue flua sem trazer lágrimas a nenhuma mãe.
Que costume é esse de que falas? Desde quando se gasta a vida de
um homem
em sacrifício fúnebre a outro homem? Poupa hostilidade e
ódio ao teu pai, para quem ordenas o culto de uma vingança. 300

PIRRO

Ó tirano de reis, orgulhoso, quando o estado das coisas favoráveis
eleva os teus sentimentos, temeroso, quando
o medo retumbou! Acaso já trazes o peito aceso
por um amor repentino e cheio de uma nova paixão?
* * * * *
Tantas vezes hás-de carregar, sozinho, o espólio de todos nós?⁵⁵ 305
Com esta destra, hei-de pagar a Aquiles a sua vítima.
Se a negas e reténs, hei-de oferecer-lhe uma vítima ainda maior
e digna de que Pirro a ofereça; na verdade, há já muito tempo
a minha mão se abstém de um crime real
e Príamo exige um par. 310

AGAMÉMNON

Certamente não nego

55 O espólio anterior havia sido Briseida. O verso anterior sugere que é a luxúria que leva Agamémnon a roubar, quer Briseida, quer Políxena, a Aquiles.

ser essa a maior honra de Pirro na guerra,
Príamo jaz morto pela tua espada cruel,
ele que era suplicante do teu pai.

PIRRO

Eu sei que os suplicantes do meu pai
eram também seus inimigos. Príamo, todavia,
315 pediu em pessoa: tu, aterrorizado por um grande medo
e sem coragem de pedir, delegas as tuas súplicas em Ajax
e no Ítaco, e ficas fechado e a tremer de medo do inimigo.

AGAMÉMNON

Decerto o teu pai não tinha, então, medo, reconheço-o,
e, no meio da desgraça da Grécia e das naus queimadas,
320 jazia indolente, esquecido da guerra e das armas,
batendo com o delicado plectro na harmoniosa lira.

PIRRO

Nessa altura, o grande Heitor, desprezando a tua guerra,
temeu o canto de Aquiles, e por entre tão grande pavor
reinou uma paz profunda junto às naus tessálicas.

AGAMÉMNON

325 Sem dúvida, e junto a essas mesmas naus tessálicas
reinou de novo uma paz profunda para o pai de Heitor.

PIRRO

É próprio de um rei de ilustre progénie conceder a vida a um rei.

AGAMÉMNON

Porque arrebatou então a tua destra a vida a um rei?

PIRRO

Muitas vezes um homem misericordioso há-de conceder a morte
em vez da vida.

AGAMÉMNON

E depois de tudo isso é como homem misericordioso que reclusas 330
uma virgem para uma sepultura?

PIRRO

Então agora crês que é crime serem imoladas as virgens?

AGAMÉMNON

Antepor a pátria aos filhos convém a um rei.

PIRRO

Nenhuma lei poupa o prisioneiro ou impede o seu castigo.

AGAMÉMNON

O que a lei não proíbe que seja feito, proíbe-o o pudor.

PIRRO

É permitido ao vencedor fazer o que desejar. 335

AGAMÉMNON

Convém desejar o mínimo aquele a quem é permitido desejar muito.

PIRRO

São estas as palavras que atiras aos homens oprimidos (*dirigindo-se
aos soldados*)
por uma pesada tirania de dez anos e que Pirro há-de libertar do
jugo?

AGAMÉMNON

Tamanho orgulho num homem de Ciro?⁵⁶

PIRRO

Ciros carece de crimes entre irmãos.⁵⁷

AGAMÉMNON

340 Confinada pelas ondas –

PIRRO

Sim, do mar nosso parente:
conheço bem a nobre casa de Atreu e Tiestes.

AGAMÉMNON

Foste concebido pelo estupro furtivo de uma virgem⁵⁸
e és filho de Aquiles, mas antes de ele ser um homem –

PIRRO

345 Do glorioso Aquiles que, pelo seu nascimento, detém o universo,
espalhado por todos os reinos dos deuses:
através de Tétis, a água; através de Éaco, os Infernos; de Júpiter, o céu.⁵⁹

AGAMÉMNON

Do glorioso Aquiles que jaz morto pela mão de Páris.

56 Pequena ilha do mar Egeu, entre a Eubeia e Lesbos, onde Pirro foi criado pelo seu avô Licomedes, antes de Ulisses o levar para Tróia.

57 Alusão a Atreu e Tiestes, filhos de Pélops, ao ódio entre os dois e às vinganças que perpetraram um contra o outro. Agamémnon era filho de Atreu.

58 Deidamia, filha de Licomedes. Cf. nota 42.

59 Tétis, ninfa do mar, mãe de Aquiles; Éaco, juiz dos mortos, avô paterno de Aquiles; Júpiter, pai de Éaco, bisavô de Aquiles.

PIRRO

Aquele a quem nenhum dos deuses desafiou para um combate
frente a frente.

AGAMÉMNON

Na verdade, eu podia reprimir as tuas palavras e domar
a tua presunção com um mal; mas a minha espada sabe 350
perdoar até mesmo os prisioneiros. Chame-se, em vez disso, Calcas,
o intérprete dos deuses: se o destino o exigir, eu cederei.
Tu, que desataste as amarras da armada dos Pelasgos⁶⁰
e as demoras da guerra⁶¹, que abres os céus com a tua arte,
a quem os segredos das vísceras, a quem o trovão 355
e a estrela que traça o seu curso com um longo rasto de fogo
mostram os sinais do destino, tu, cujas palavras me custam
um preço tão elevado: o que o deus ordena,⁶²
diz-nos, Calcas, e orienta-nos com o teu conselho.

CALCAS

O destino oferece um caminho aos Dánaos pelo preço a que estão 360
habituaados:
a virgem deve ser imolada sobre a sepultura do chefe tessálico;
mas de acordo com o cerimonial com que costumam casar-se
as jovens da Tessália, da Jónia ou de Micenas,
que Pirro conduza a esposa até ao seu pai:
assim ela lhe será oferecida conforme o ritual. Não é, porém, este 365
o único motivo
a reter as nossas naus: é reclamado, Políxena,
um sangue mais nobre do que o teu sangue.

60 Nome para designar os Gregos, a partir de um povo lendário.

61 Revelando, em Áulis, que a armada só poderia partir se Ifigénia fosse sacrificada. Cf. nota 54.

62 Provavelmente, Apolo, deus da profecia.

Que caía do cimo da torre aquele a quem o destino reclama,
o neto de Príamo, filho de Heitor, e encontre a morte.
370 Que então a armada cubra com mil velas o mar.

ORO

É verdade, ou mera fábula que ilude os temerosos,
que as sombras continuam a viver depois de sepultados os corpos,
quando a mulher colocou a mão sobre os olhos do marido
e o derradeiro dia encobriu futuros sóis
375 e a triste urna encerrou as cinzas?
Será que não adianta entregar a alma ao funeral,
mas que resta aos míseros viver por mais tempo ainda?
Ou morremos inteiramente e nada sobra
de nós, quando, exalado com um sopro fugitivo, o espírito
380 desapareceu no ar, misturado na névoa,
e o facho nos tocou por baixo dos flancos nus?
Tudo o que o Sol conhece ao nascer, tudo o que conhece
ao declinar, tudo o que o Oceano lava com as suas
ondas cerúleas, duas vezes avançando e fugindo,
385 o tempo há-de arrebatá-lo com o ritmo de Pégaso.⁶³
Do mesmo modo que as duas vezes seis constelações voam num
turbilhão,
do mesmo modo que o senhor dos astros⁶⁴ apressa a sucessão das
gerações
a girar no seu curso, do mesmo modo que Hécate⁶⁵
se apressa a percorrer os seus arcos oblíquos:
390 assim todos nós nos encaminhamos para a morte,
e aquele que atingiu os lagos⁶⁶ pelos quais os deuses juram

63 Pégaso era o cavalo alado de Belerofonte, nascido do sangue de Medusa.

64 O Sol.

65 Deusa da magia e do mundo da morte.

66 Os lagos do Estige.

não mais existe; tal como se desvanece a fumaça
do fogo ardente, suja por um breve momento,
tal como a força do Bóreas, o vento do norte, dissipa
as nuvens, que ainda há pouco vimos intumescidas: 395
assim este sopro que nos alenta há-de fluir.
Depois da morte não há nada e a própria morte é nada,
a meta suprema de uma corrida veloz.
Que os gananciosos deponham a esperança; os ansiosos, o medo:
o tempo ávido nos devora, e o caos. 400
A morte é indivisível, destrói o corpo
e não poupa a alma: o Ténaro⁶⁷ e o reino sob o seu senhor
selvagem e Cérbero,⁶⁸ guardião sentado
diante da entrada de um portão severo,
são rumores vazios e palavras inanes 405
e uma fábula semelhante a um sonho agitado.
Queres saber onde hás-de ficar depois da morte?
Lá onde ficam as coisas que ainda não nasceram.

67 Cabo no sul da Lacónia.

68 Cão de três cabeças que guarda o Hades.

ACTO TERCEIRO

ANDRÓMACA

Porque arrancais os cabelos, lúgubre turba da Frígia,
410 e, batendo no peito miserando, banhais as faces
com o choro abundante? Suportámos coisas insignificantes,
se sofremos o que pode ser chorado. Ílio só agora tombou para vós,
mas há já muito tempo para mim, quando o selvagem arrastou
os membros que eram meus no carro instigado e gemeu com um
ruído
415 estridente o eixo de madeira do Pélion⁶⁹, tremendo com o peso
de Heitor.
Então fui aniquilada e destruída, e o que quer que aconteça agora,
suporto-o entorpecida pelos males e rígida, sem percepção.
Já teria escapado aos Dánaos e seguido o meu marido,
se me não retivesse este (*apontando para Astíanax*): é ele quem
doma o meu espírito
420 e me impede de morrer; é ele quem me obriga a implorar ainda
alguma coisa aos deuses, e que acrescenta demora ao meu infortúnio.
Ele privou-me do proveito maior da minha desgraça,
não temer nada: todo o lugar para a prosperidade
me foi subtraído, as adversidades têm por onde chegar.
425 É muito triste temer quando já não há nada por que esperar.

ANCIÃO

Que medo repentino te sobressaltou quando já estás prostrada?

ANDRÓMACA

De um grande mal está a despontar um mal ainda maior.
O destino de Tróia arruinada ainda não chegou ao fim.

69 Montanha na Tessália, perto do reino de Aquiles.

ANCIÃO

E que desgraças há-de o deus inventar, mesmo que quisesse?

ANDRÓMACA

Os ferrolhos do Estige profundo e as escuras cavernas 430
estão abertos e, para que não falte medo aos arruinados,
de Dite profundo saem os inimigos sepultados –
acaso o caminho de regresso se abre apenas para os Dánaos?
Certamente que a morte é imparcial! – esse terror que perturba
e agita os Frígios é comum a todos; mas o sono de uma noite 435
horrenda assombra particularmente o meu coração.

ANCIÃO

Que visões trazes contigo? Partilha connosco o teu medo.

ANDRÓMACA

A noite revitalizadora ultrapassara aproximadamente duas partes
do seu percurso
e as sete estrelas⁷⁰ haviam feito voltar o seu carro luminoso;
por fim, uma quietude desconhecida veio até mim, no meu 440
sofrimento,
e um sono breve deslizou sobre as minhas pálpebras cansadas,
se é que se pode chamar sono àquele torpor de um coração atónico:
quando, de súbito, Heitor apareceu diante dos meus olhos,
não como aquele que, travando com vontade a guerra contra os
Argivos,
procurava as naus graias com as tochas do Ida, 445
nem como aquele que, enfurecendo-se contra os Dánaos com
grande morticínio,
trouxe espólios verdadeiros de um falso Aquiles;⁷¹

70 As sete estrelas da Ursa Maior.

71 Pátroclo, o amigo dilecto de Aquiles. Depois de Aquiles se ter afastado

não tinha aquele rosto que mostrava um brilho radiante,
 mas um rosto cansado e abatido e quebrantado pelo pranto
 450 e, como o meu, escondido pelos cabelos sujos.
 Agrada-me, porém, tê-lo visto. Então, sacudindo a cabeça:
 «Afasta o sono», diz, «e salva o nosso filho,
 ó esposa fiel: que se esconda, é a sua única salvação.
 Pára de chorar – gemes por Tróia ter caído?»
 455 Oxalá toda ela estivesse por terra. Apressa-te, e leva daqui,
 para onde quer que seja, a pequenina estirpe da nossa casa».
 Um horror gélido e um arrepio abalaram-me o sono,
 e, amedrontada, virando os olhos agora para aqui, agora para ali,
 esquecida do meu filho, procurei, infeliz, por Heitor:
 460 a sombra falaz desvaneceu-se por entre os meus abraços.
 Ó filho, progénie verdadeira de um pai ilustre,
 única esperança para os Frígios, esperança última de uma casa
 arruinada,
 e rebento excessivamente ilustre de um sangue vetusto
 e filho excessivamente semelhante ao pai. Era este o rosto
 465 que tinha o meu Heitor, era assim a sua forma de andar
 e a sua aparência, assim colocava as suas mãos fortes,
 era assim alto de ombros, era assim quando ameaçador e
 de rosto feroz, sacudindo o pescoço, afastava os cabelos soltos –
 ó filho nascido tarde demais para os Frígios, cedo demais para a
 tua mãe,⁷²
 470 acaso há-de vir aquele tempo, aquele dia auspicioso,

da peleja, por Agamémnon o ter privado da companhia de Briseida, os Gregos passam por sérias dificuldades no combate contra os Troianos. A dada altura, Pátroclo tenta convencer Aquiles a voltar ao campo de batalha e suplica-lhe que, pelo menos, o deixe chefiar os Mirmidões, fazendo-os voltar a pegar em armas. Aquiles autoriza-o a envergar a sua própria armadura e a participar na peleja. Todavia, com o auxílio de Apolo, Pátroclo é morto por Heitor (cf. *Il.* 16).

72 Antes que Andrómaca tivesse podido escapar às suas lamentações através do suicídio (cf. 418-432).

em que, defensor e vingador do solo troiano,
 ponhas de pé uma Tróia ressurgente e tragas de volta os cidadãos
 dispersados pela fuga e devolvas aos Frígios e à pátria
 o seu antigo nome? Mas, lembrando-me do meu destino,
 temo tão ambiciosos votos – isto é suficiente para prisioneiros, 475
 estarmos vivos. Ai de mim, em que lugar confiará
 o meu receio ou em que sítio te hei-de esconder?
 Aquela cidadela poderosa pelos seus recursos e pelas muralhas
 dos deuses,
 célebre entre todos os povos e uma provocação para a inveja,
 é agora um alto monte de cinzas, foi tudo arrasado pelo fogo, 480
 e não resta, da vasta cidade, nem ao menos o espaço suficiente
 para esconder uma criança. Que local hei-de escolher para
 enganá-los?
 Resta ainda o grande túmulo sagrado do meu querido marido,
 reverenciado pelo inimigo, e que o seu pai construiu num imenso
 monumento e com muita riqueza, para com os seus lutos, 485
 rei não avaro: o melhor será confiá-lo ao pai –
 um suor frio escorre por todos os meus membros:
 pobre de mim, estremeço com o agoiro de um lugar assim funesto. 488

ANCIÃO

Seja o desgraçado o primeiro a procurar protecção, aquele que está 497
 livre de preocupações que a escolha.

ANDRÓMACA

E quanto ao facto de ele não se poder esconder sem grande medo 496
 de que alguém o traia? 492

ANCIÃO

Afasta as testemunhas do teu embuste.

ANDRÓMACA

493 E se o inimigo procurar por ele?

ANCIÃO

Ele pereceu na cidade destruída:

489 este motivo só por si salvou a muitos da ruína:

490 serem dados por mortos.

ANDRÓMACA

Difícilmente resta alguma outra esperança:

491 oprime-o o peso imenso do seu nobre nascimento;

494 de que há-de adiantar tê-lo escondido se há-de ser capturado?

ANCIÃO

495 Ferozes são os primeiros ímpetos do vencedor.

ANDRÓMACA

498 Que lugar, que região remota, inacessível,

te há-de pôr a salvo? Quem nos há-de trazer ajuda, temerosos?

500 Quem nos há-de proteger? Tu que sempre olhaste pelos teus,

olha de novo por nós, Heitor: protege o roubo da tua

piedosa mulher e abriga-o com as tuas cinzas fiéis, para que possa
viver.

Aproxima-te do túmulo, filho – porque foges para trás?

Acaso desprezas o torpe refúgio? Conheço a tua índole:

505 tens vergonha de mostrar medo. Afasta o orgulho

e a lembrança da tua antiga coragem, assume o que o acaso te deu.

Vamos, vê que turba de sobreviventes somos:

um túmulo, um menino, uma cativa: é preciso ceder aos males.

Anda, ousa entrar na sacra morada do teu

510 pai sepultado; se o destino ajuda os infelizes,

tens a salvação; se o destino te nega a vida,

tens um sepulcro.

ANCIÃO

Os ferrolhos do túmulo protegem o que lhes foi confiado;
mas para que o teu medo o não denuncie,
vai para longe daqui e afasta-te para outro lugar.

ANDRÓMACA

Menos costuma temer aquele que se encontra por perto. 515
Mas, se te agrada, vamo-nos daqui para outro lugar.

ANCIÃO

Suspende por um momento as tuas palavras e reprime os queixumes:
o rei dos Cefalanes⁷³ dirige para cá o seu passo odioso.

ANDRÓMACA

Rasga-te, terra, e tu, meu marido, fende a terra,
revolvida do mais recôndito abismo, e esconde 520
o meu tesouro no seio profundo do Estige.
Aproxima-se Ulisses, e vem realmente com a sua expressão
e passos fingidos: urde astutas artimanhas no seu peito.

ULISSES

Enquanto servo de uma sorte ominosa, peço-te isto em primeiro lugar,
que, apesar de as palavras serem pronunciadas pela minha boca, 525
não as acredites minhas: esta é a voz de todos os Graios
e seus chefes, que o rebento de Heitor impede
de regressar às casas há muito desejadas: reclama-o o destino.
A inquieta confiança numa paz incerta há-de sempre
dominar os Gregos, sempre o temor do que ficou para trás os 530
há-de obrigar

73 Desde a *Iliada* (2.631) que os habitantes do reino de Ulisses – constituído pelas ilhas de Ítaca, Cefalénia e Zacinto – eram designados pelo nome de cefalanes / cefalénios.

a voltar-se, e não permitir que se deponham as armas,
enquanto o teu filho der ânimo aos Frígios derrotados,
Andrômaca. O adivinho Calcas proclama estas coisas;
e, se o adivinho Calcas as calasse, ainda assim
535 as dizia o próprio Heitor, com cuja descendência também me
horrorizo.

As sementes de raça superior germinam conforme a sua origem:
assim aquele pequeno companheiro de um grande armento,
a quem a ponta dos cornos ainda não fende a pele,
de súbito erguendo a cerviz e mostrando uma frente altiva,
540 conduz o rebanho paterno e comanda o gado;
o tenro ramo que sobrevive de um tronco cortado
em pouco tempo cresce igual à sua mãe
e devolve sombras à terra e uma floresta ao céu;
assim a cinza incautamente esquecida depois de um grande fogo
545 recupera o vigor. A dor é, sem dúvida, um injusto
juiz de causas: se, porém, reflectires no teu espírito,
hás-de perdoar-nos, visto que, depois de dez invernos e de igual
número de colheitas, o já velho soldado teme as guerras
e ainda outras desgraças e uma Tróia nunca
550 verdadeiramente arrasada. Uma grande causa move os Dánaos,
um futuro Heitor. Liberta os Graios do medo.
É este o único motivo que detém as naus prontas a partir,
nestas circunstâncias está a armada parada. E não me julgues cruel,
porque, a mando da sorte, exijo o filho de Heitor:
555 eu teria exigido Orestes. Aguenta o que o próprio vencedor
suportou.⁷⁴

ANDRÔMACA

Oxalá estivesse realmente, meu filho, nas mãos da tua mãe,

74 I.e., a perda de um filho (Ifigénia) por Agamémnon, para que a armada pudesse partir. Cf. nota 54.

e que eu soubesse que acaso ou que região te detém,
depois de me teres sido arrancado – nem com o peito
trespassado por dardos inimigos ou com as mãos
atadas por cadeias cortantes, nem com o corpo 560
rodeado por ferozes labaredas, renunciaria jamais à minha
fidelidade de mãe. Filho, que lugar te possui agora,
que fortuna? Percorres os campos, sem rumo certo,
num vaguear ermo? Ou o imenso braseiro da pátria devorou
o teu corpo? Ou diverte-se com o teu sangue 565
o cruel vencedor? Ou porventura, morto pela mordedura
de fera imane, serves de alimento às aves do Ida?

ULISSES

Chega de palavras fingidas. Não te é fácil
enganar Ulisses: vencemos os embustes de mães,
mesmo deusas.⁷⁵ Põe de parte esses esquemas inúteis; 570
onde está o teu filho?

ANDRÓMACA

Onde está Heitor? Onde estão todos os Frígios?
Onde está Príamo? Tu só procuras por um: eu procuro por todo
o meu mundo.

ULISSES

Hás-de dizer forçada o que te recusas a dizer de espontânea vontade:
é uma espécie estúpida de fidelidade esconder o que deves revelar 587
de imediato.

ANDRÓMACA

Está em segurança a mulher que pode, deve e deseja morrer. 574

75 Ulisses frustrou a tentativa de Tétis de impedir o seu filho Aquiles de participar na guerra disfarçando-o de rapariga. Cf. nota 42.

ULISSES

575 A morte conduzida para perto afasta palavras grandiosas.

ANDRÓMACA

Se queres, Ulisses, forçar Andrómaca pelo medo,
ameaça-a com a vida: na verdade, é meu desejo morrer.

ULISSES

Por meio de açoites, fogo, morte, tortura, a dor
há-de levar-te, contrariada, a dizer o que quer que escondas
580 e escavar os segredos sepultados no fundo do teu peito:
a violência costuma ser mais eficaz do que o amor de uma mãe.

ANDRÓMACA

Afronta-me com chamas, ferimentos e com as ominosas artes
de uma dor terrível e com a fome e a sede cruel
e com variadas pestes de todos os tipos e com cadeias presas
585 à própria carne, com o flagelo de um cárcere escuro,
e com tudo aquilo que ouse fazer um vencedor irado e orgulhoso:
588 uma mãe corajosa não admite nenhum temor.

ULISSES

Esse mesmo amor, por que agora perseveras obstinada,
590 instrui os Dánaos a zelar pelos seus próprios filhos pequenos.
Depois de batalhas tão prolongadas, depois de dez anos,
eu temeria menos os medos que Calcas levanta,
se os temesse apenas por mim: tu preparas uma guerra contra
Telémaco.⁷⁶

ANDRÓMACA

É contrariada, Ulisses, que vou dar uma alegria aos Dánaos:

76 Filho de Ulisses.

mas tem de ser dada; confessa os lutos que reprimes, dor. 595
Regozijai-vos, Atridas, e tu leva aos Pelasgos,
como costumias, notícias felizes: o filho de Heitor morreu.

ULISSES

E por meio de que evidência provas aos Dánaos que é isso verdade?

ANDRÓMACA

Que me aconteça a mim o pior com que o vencedor pode
ameaçar e que o destino me liberte com uma morte prematura 600
e fácil e me sepultem no meu chão
e a terra pátria pese levemente sobre Heitor,
tão certo quanto o meu filho estar privado da luz: jaz entre os mortos
e, confiado ao túmulo, recebeu o que é devido aos mortos.

ULISSES

Radiante, levarei aos Dánaos a notícia de que o destino foi cumprido, 605
pela destruição do filho de Heitor, e de uma paz estável –
(*Para si próprio*)
que fazes, Ulisses? Os Dánaos hão-de crer em ti:
mas e tu, crês em quem? Numa mãe: mas que mãe poderia
inventar isto,
e não ter medo do presságio de uma morte abominável?
Temem os presságios os que nada de pior receiam. 610
Mas ela prendeu a sua palavra a um juramento –
se perjura, o que pode temer de mais grave?
Agora convoca as tuas artimanhas, espírito, agora as fraudes, os
embustes,
agora tudo o que é Ulisses; a verdade nunca morre.
Observa esta mãe: ela lamenta-se, chora, geme; 615
mas anda de um lado para o outro, ansiosa,

e apanha atentamente o que é dito:
mais teme alguma coisa do que se lamenta. É preciso usar de engenho.

(Para todos)

A outras mães se deve consolar no seu luto:
620 a ti é preciso felicitar, infeliz, por teres perdido o teu filho,
ao qual esperava uma morte cruel, ser precipitado da única torre
que restou depois de derrubadas as muralhas.

ANDRÓMACA *(Para si própria)*

A força abandonou os membros do meu corpo, que tremem,
desfalecem,
e o meu sangue paralisa-se, transido por um frio glacial.

ULISSES *(Para si próprio)*

625 Estremeceu. É aqui, é aqui que devo averiguar;
o receio denunciou a mãe: vou renovar o medo. –

(Para todos)

Ide, ide, céleres, o inimigo escondido pela fraude
da mãe, derradeiro mal do nome pelasgo,
mostrai-o diante de todos, arrancado de onde quer que se oculte. –

630 Ótimo: já foi apanhado. Anda, apressa-te, arrasta-o para aqui –
(Para Andrómaca)

Porque olhas para trás e estremeces? Está já morto, certamente.

ANDRÓMACA

Oxalá temesse. O medo é um costume que vem de há muito:
o espírito desaprende tarde o que aprendeu ao longo de muito tempo.

ULISSES

Uma vez que o menino antecipou a cerimónia lustral
635 reservada às muralhas e não pode obedecer ao adivinho,
arreatado por um destino melhor, Calcas diz que as naus

podem ser ritualmente purificadas deste modo para o seu regresso,
se as cinzas espalhadas de Heitor aplacarem as ondas
e se o túmulo inteiro for nivelado pelo chão.
Uma vez que aquele escapou à morte exigida, 640
as minhas mãos devem agora mover-se contra esta morada sagrada.

ANDRÓMACA (*Para si própria*)

Que hei-de fazer? Um duplo receio leva o meu espírito para lados
opostos:
de um lado, o meu filho, do outro, as cinzas do meu amado marido.
Qual das duas partes vencerá? Invoco como testemunhas os
deuses impiedosos,
e os deuses verdadeiros, os manes do meu marido: 645
não me agrada, Heitor, no meu filho,
outra coisa que não tu. Que ele viva, para que possa reproduzir
os teus traços – extraídas do túmulo hão-de as cinzas
afundar-se no mar? Hei-de permitir que os teus ossos sejam
desconjuntados e espalhados
na vastidão das ondas? Antes ele vá ao encontro da morte. – 650
Mas serás capaz, tu que és a sua mãe, de vê-lo entregue a uma
morte abominável, serás capaz de o ver cair às voltas,
atirado das alturas? Poderei, sofrerei, suportarei,
desde que o meu Heitor não seja lançado ao mar, após a morte,
pela mão do vencedor. – Mas este pode ainda sentir o seu castigo, 655
ao passo que a morte já pôs o outro em segurança –
porque flutuas? Decide quem hás-de resgatar do castigo.
Ingrata, estás em dúvida? Está ali o teu Heitor –
enganas-te: de um e outro lado está Heitor: este tem a capacidade
de sentir,
talvez venha a ser o vingador do pai morto – 660
não podem salvar-se os dois: que hás-de fazer?
Salva dos dois, coração, aquele que os Dánaos temem.

ULISSES

Devo cumprir o oráculo: vou destruir o túmulo até aos seus
alicerces.

ANDRÓMACA

O túmulo que vós vendestes?⁷⁷

ULISSES

665 Devo prosseguir e derrubar o sepulcro começando
pelo alto do monumento.

ANDRÓMACA

Invoco a protecção dos deuses
e a protecção de Aquiles: Pirro, defende
a dádiva do teu pai.

ULISSES

Em breve este túmulo há-de jazer
por toda a planície.

ANDRÓMACA

670 Este sacrilégio ainda não fora ousado
pelos Dánaos. Profanastes os templos, mesmo quando os deuses
vos eram favoráveis:⁷⁸ mas a vossa fúria ainda então deixara

77 Depois de matar Heitor, Aquiles trespassa os tornozelos do cadáver e amarra-o ao seu carro com correias de couro. Arrasta-o em torno da cidade ante os olhos de todos os Troianos. Em seguida, o cadáver é exposto no acampamento grego, abandonado sem qualquer protecção aos cães e às aves. Príamo organiza uma embaixada até junto do herói e, a troco de um elevado resgate, consegue a restituição do cadáver do filho (cf. *Il.* 24). Andrómaca refere-se de novo a Aquiles nos vv. 666-667.

78 Palas Atena apoiou os Gregos, mas o seu templo em Tróia foi violado em dois momentos: quando Ulisses e Diomedes roubaram o Paládio; e, posterior-

incólumes os túmulos.
Resistirei, às vossas armas oporei as minhas mãos desarmadas,
a ira me há-de dar forças. Qual a feroz Amazona⁷⁹
que derrubou as hostes argólicas, ou qual ménade
que, possuída pelo deus, aterroriza as florestas com os seus passos
delirantes, armada com o tirso, e, sem se dar conta de si própria, 675
provoca ferimentos mas não os sente, precipitar-me-ei para o meio
de vós
e cairei sobre o túmulo que defendi, como companheira das suas
cinzas.

ULISSES (*Para os soldados*)

Hesitais e vos comove um débil choro de mulher
e uma fúria inútil? Cumpri imediatamente
o que vos foi ordenado. 680

ANDRÓMACA

A mim, a mim, destruí-me primeiro aqui com o vosso ferro.
Sou afastada, ai de mim. Acaba com os obstáculos da morte,
levanta a terra, Heitor: para domares Ulisses,
até a tua sombra é suficiente – ele brandiu as armas na mão,
está a lançar fogo! Vedes, Dánaos, Heitor?
Ou sou eu a única a vê-lo? 685

ULISSES

Vou destruir o túmulo inteiro, até aos seus alicerces.

ANDRÓMACA (*Para si própria*)

Que fazes? Tu, que és mãe, destróis numa única ruína

mente, quando Ájax, filho de Oileu, arrastou para o exterior Cassandra, que se agarrara suplicante à estátua da deusa.

79 Pentesileia, rainha das Amazonas e aliada dos Troianos.

o filho e o marido? Talvez possas aplacar
os Dánaos com uma súplica. O peso imane do túmulo esmagará
em breve o que está escondido lá dentro – é preferível que o infeliz
690 pereça nalgum outro lugar, para que o pai não destrua o filho
e o filho não pese sobre o pai. – Caio aos teus joelhos,
como suplicante, Ulisses, e aproximo dos teus pés
esta destra que não conhece os pés de ninguém.
Compadece-te desta mãe e acolhe as suas súplicas piedosas,
695 plácido e paciente, e quanto mais alto os celestes te elevaram
na tua excelsa posição, mais brandamente oprime os que se afundam:
tudo o que se oferece ao infeliz é oferecido à Fortuna.
Assim te possa rever o leito da tua virtuosa mulher,
e prolongue Laertes os seus anos até que te
700 receba de volta; assim te possa dar as boas-vindas o teu jovem,⁸⁰
e, excedendo os vossos votos relativos à sua índole ditosa,
supere o avô em idade, o pai em engenho.
Compadece-te da mãe: ele é o único lenitivo
que tenho na minha aflição.

ULISSES

Mostra o teu filho e então suplica.

ANDRÓMACA

705 Vem para aqui, saindo do teu esconderijo,
lamentável ardil de uma mãe infeliz.
Aqui está, aqui está, Ulisses,
o terror de mil naus.
Estende as mãos em súplica, e, prostrando-te,
adora os pés do senhor com a súplice destra
710 e não julgues torpe o que
a Fortuna ordena aos desgraçados.

80 A mulher de Ulisses era Penélope; o seu pai, Laertes; o seu filho, Telémaco.

Arranca da memória os teus antepassados reais
 e as leis do grande ancião,
 famosas por toda a terra, esqueça-se Heitor,
 porta-te como um escravo e, de joelhos no chão – 715
 se ainda não presentes a tua morte –,
 imita o lamento da tua mãe.
 Também uma Tróia anterior
 viu as lágrimas de uma criança real, e Príamo, quando pequeno,
 afastou as ameaças do cruel Alcides.⁸¹ 720
 Aquele, aquele herói feroz, a cuja extraordinária força
 todas as feras sucumbiram,
 que, tendo transposto o limiar de Dite,⁸²
 abriu um sombrio caminho de regresso,
 foi vencido pelas lágrimas do seu pequeno inimigo: 725
 «Toma», disse, «como guia, as rédeas,
 e senta-te alto no trono do teu pai;
 mas empunha o ceptro com mais honestidade».
 Assim foi ser conquistado por aquele vencedor.
 Aprendei com Hércules iras moderadas. 730
 Ou só agradam as armas de Hércules?
 Jaz a teus pés um suplicante que não tem
 menos valor do que o outro suplicante e pede-te a vida –
 o reino de Tróia, que a Fortuna o leve
 para onde quiser. 735

ULISSES

É certo que me comove o sofrimento desta mãe devastada,

81 Referência a Hércules, inicialmente conhecido como Alcides, patronímico derivado do nome do seu avô, Alceu. Cf. nota 27.

82 O décimo primeiro trabalho que Hércules executou às ordens do seu primo Euristeu consistiu em se dirigir aos Infernos, reino de Plutão, Hades ou Dite, e de lá trazer o cão Cérbero.

mas mais me comovem as mães pelasgas,
e é para grande luto delas que cresce este menino.

ANDRÓMACA

Estas, estas ruínas da cidade reduzida a cinzas
740 há-de ele levantar? Hão-de estas mãos reerguer Tróia?
Nenhuma esperança resta a Tróia, se a isto se resumem as suas
esperanças.
Não jazemos nós assim, Troianos, para que representemos uma
ameaça a quem quer que seja. O seu pai dá-lhe força?
Mas ainda assim foi arrastado. E o seu próprio pai, depois da
745 queda de Tróia,
teria renunciado à arrogância, que grandes males quebram.
Se se exige um castigo (que pior castigo pode ser exigido?)
que ele suporte o jugo da servidão sobre o nobre pescoço,
que lhe seja permitido ser escravo. A um príncipe, quem o pode negar?

ULISSES

Não to negaria Ulisses, mas nega-o Calcas.

ANDRÓMACA

750 Ó maquinador de fraudes e artífice de crimes,
por cujo valor bélico ninguém morreu,
mas por cujos embustes e artimanhas de uma mente maléfica jazem
até mesmo Pelasgos⁸³, responsabilizas o adivinho e os deuses
inocentes? Esta é uma vilania do teu coração.
755 Soldado nocturno⁸⁴, corajoso em matar uma criança,
ousas finalmente agir sozinho e à luz do dia.

83 Especificamente, Palamedes e Ajax, juntamente com Ifigénia.

84 Em ataques nocturnos, acompanhado por Diomedes. Cf. nota 15.

ULISSES

O valor de Ulisses é suficientemente conhecido pelos Dánaos e excessivamente pelos Frígios. Não há tempo para consumir o dia com palavras inúteis: a armada recolhe as âncoras.

ANDRÓMACA

Concede-me uma breve demora, enquanto, como mãe, 760
rendo os derradeiros deveres para com o meu filho e num último
abraço
sacio uma dor faminta.

ULISSES

Oxalá fosse permitido
compadecer-me de ti. Vou dar-te, porém, a única coisa que é
permitida:
um momento e um adiamento. A bel-prazer,
enche-te de lágrimas: o choro é alívio dos infortúnios. 765

ANDRÓMACA

Ó doce penhor do nosso casamento, ó honra de uma casa
arruinada
e ruína derradeira de Tróia, ó receio dos Dánaos,
ó vã esperança da tua mãe, para ti, insana, eu pedia
os louvores bélicos do teu pai, e os bons anos
do teu avô; a divindade pôs de parte as minhas preces. 770
Não hás-de empunhar, poderoso, o ceptro de Ílio
no palácio real, nem ditar leis aos povos,
nem submeter as nações vencidas ao teu jugo,
não hás-de ferir os Graios nas costas, nem arrastar Pirro;
não hás-de manejar armas infantis na tua mão pequena, 775
nem perseguir, audaz, as feras espalhadas por toda a parte

na vastidão dos bosques, nem, no estabelecido dia lustral,
renovando o rito solene do Jogo Troiano,⁸⁵
conduzir, como rapaz nobre, os esquadrões em marcha;
780 nem, no meio dos altares, veloz, com os teus pés ágeis,
quando o corno recurvo ressoar com ritmos frenéticos,⁸⁶
hás-de cultivar os templos bárbaros⁸⁷ com a dança vetusta.⁸⁸
Ó forma de morrer mais triste do que a própria morte ominosa.
As muralhas hão-de ver algo mais lamentável do que
785 a morte do grande Heitor.

ULISSES

Interrompe já o teu choro, mãe:
uma grande dor não se refreia a si própria.

ANDRÓMACA

É pequeno, Ulisses, o adiamento que peço para as lágrimas;
concede-me umas poucas, para fechar com a minha mão
os seus olhos com vida. É certo que morres pequeno,

85 Evento que encerrava os jogos em honra de Anquises e em que os jovens participavam em competições equestres. Cf. Vergílio, *Eneida* 5.545-ss.

86 A alusão ao corno, num contexto troiano, bem como a ênfase na ideia de velocidade e frenesim, parece sugerir, acima de tudo, o culto de Cíbele.

87 O uso do adjectivo «bárbaros» por parte de uma troiana, que não pertencia ao mundo greco-romano, causa alguma estranheza. Neste passo, ele parece sugerir, mais uma vez, o culto de Cíbele, a grande deusa da Frígia, muitas vezes chamada a Mãe dos Deuses, ou Grande Mãe. O seu poder estendia-se a toda a natureza, cuja potência vegetativa representava. Era venerada nas montanhas da Ásia Menor e, de lá, o seu culto divulgou-se por todo o mundo grego e, posteriormente, também pelo romano. Cíbele é importante pelo culto orgiástico que se desenvolveu em torno da sua figura e que sobreviveu até uma época tardia do período imperial.

88 Séneca associa o extático culto oriental de Cíbele com a tradição romana da dança ritual dos Sális.

mas já és temível. Espera-te a tua Tróia:
vai, avança livre, vê livres também os Troianos.

790

ASTÍANAX

Compadece-te de mim, mãe.

ANDRÓMACA

Porque te prendes às minhas vestes
e apertas as mãos da tua mãe, defesa vã?
Qual novilho de tenra idade que ao ouvir o rugido do leão
encosta à mãe o seu flanco temeroso, 795
mas o cruel leão, depois de ter afastado a mãe,
abocanhando com grandes mordeduras a pequena presa,
a despedaça e arrasta consigo; assim o inimigo te há-de arrancar
do meu regaço. Recebe, filho, os meus beijos e lágrimas
e os cabelos que arranquei, e, cheio de mim, 800
corre ao encontro do teu pai; mas entrega também umas poucas
palavras de lamento da tua mãe: «Se os manes mantêm
os cuidados anteriores e o amor não perece nas chamas,
permites que Andrómaca seja a escrava de um homem graio,
cruel Heitor? Jazes indiferente e sem resposta? 805
Aquiles voltou». Aceita agora de novo estes cabelos
e aceita estas lágrimas, tudo o que me restou da morte miseranda
do meu marido; aceita os beijos que há-de entregar
ao teu pai. Como consolo para a tua mãe
deixa esta veste: tocaram nela o meu túmulo 810
e os manes que me são queridos. Se alguma cinza nela se esconde,
hei-de procurá-la com os lábios.

ULISSES

Não há limite para este choro.

(Para os soldados)

Arrastai depressa esta demora da armada argólica.

CORO

Que futura morada chama pelas cativas?
815 Os montes da Tessália⁸⁹ e a Tempe⁹⁰ sombria,
819 ou Iolco dominadora do vasto mar?⁹¹
821 A pequena Gírtion e a estéril Trica,
822 ou Motone, abundante em rios velozes?⁹²
816 Ou a terra mais apropriada para gerar guerreiros,
Ftia⁹³, e, melhor na criação
818 de robusto rebanho, a pedregosa Tráquin⁹⁴,
823 que, escondida sob as florestas do Eta⁹⁵,
mandou mais de uma vez os infaustos arcos
825 para a ruína de Tróia?⁹⁶
Óleno, habitada por casas esparsas,
Plêuron⁹⁷, inimiga da deusa virginal,
ou Trezena⁹⁸, que se curva à beira do vasto mar?
O Pélion⁹⁹, soberbo reino de Prótoo¹⁰⁰,

89 Olimpo, Ossa e Pélion.

90 Vale do rio Peneu, no norte da Tessália.

91 A Argo, de acordo com a mitologia a primeira nau, partiu de Iolco, cidade costeira na Tessália, pátria de Jasão.

92 Gírtion, Trica e Motone, cidades da Tessália.

93 Cidade da Tessália, morada de Peleu e pátria de Aquiles.

94 Cidade da Tessália, no sopé do Monte Eta, onde reinava Céix e onde se ergueu a pira funerária de Hércules.

95 Montanha no sul da Tessália.

96 Hércules usou o seu arco no saque que fez a Tróia, o primeiro que a cidade sofreu; posteriormente, Filoctetes recebeu de Hércules esse arco, no Monte Eta, e usou-o no segundo saque de Tróia, aquando da vitória dos Gregos. Cf. nota 28.

97 Óleno e Plêuron, cidades da Etólia.

98 Cidade da Argólida.

99 Montanha na Tessália.

100 Filho de Tentrédon, comandante dos Magnetes, que viviam junto do Peneu e do Pélion (*Il.* 2.756-757).

terceiro degrau para o céu? (reclinando-se aqui, 830
corpulento, na caverna de um monte escavado,
Quíron¹⁰¹, mestre de um já feroz menino,
enquanto feria com o plectro cordas sonoras,
instigava-lhe iras já então ingentes,
cantando guerras). 835
Ou Caristo¹⁰², rica em pedras variegadas,
ou Cálcis¹⁰³, próxima da costa do mar inquieto
no sempre agitado Euripo¹⁰⁴?
Talvez Calidnas¹⁰⁵, dóceis a qualquer vento,
ou Gonoessa¹⁰⁶, que nunca carece de vento, 840
ou Enispe¹⁰⁷, que se amedronta com o Bóreas?
Creta, espaçosa o suficiente para cem cidades, 820
Pepareto¹⁰⁸, pendendo sobre as praias áticas, 842
ou Elêusis¹⁰⁹ que se regozija com os seus mistérios sagrados?
* * * * *
Não Salamina¹¹⁰, casa do verdadeiro Ájax¹¹¹,
ou Cálidon¹¹², famosa pela sua fera cruel, 845

101 Centauro filho de Fílira e Saturno, mestre de Aquiles e Esculápio.

102 Cidade muito antiga do sul da Eubeia.

103 Principal cidade da Eubeia.

104 Canal entre a Beócia e a Eubeia, conhecido pelo seu turbilhão.

105 Grupo de ilhas no mar Egeu.

106 Cidade perto de Sícion.

107 Cidade da Arcádia.

108 Ilha no mar Egeu.

109 Cidade da Ática famosa pelos mistérios a Deméter / Ceres.

110 Ilha no golfo Sarónico.

111 Filho de Télamon, e não Ájax filho de Oileu.

112 Cidade junto ao rio Eveno, na Etólia. A fera a que se faz referência é um javali selvagem enviado por Diana.

e aquelas terras que o Titarésio¹¹³ banha,
com as suas águas preguiçosas, destinado a fluir debaixo do mar?
Bessa e Escarfeia¹¹⁴, ou a Pilos¹¹⁵ do ancião?
Fáris¹¹⁶, ou a Pisa de Júpiter¹¹⁷, ou a Élida¹¹⁸,
850 conhecida pelas suas coroas?
Que a triste procela atire as infelizes
para qualquer parte e as ofereça também a uma terra qualquer,
desde que Esparta, que causou tão grande desgraça
a Tróia e aos Aqueus, fique distante; distantes fiquem
855 Argos e a Micenas do cruel Pélops¹¹⁹,
Nérito¹²⁰, menor do que a pequena Zacinto¹²¹,
e a nociva Ítaca¹²² com os seus rochedos enganadores.
Que destino e que senhor te esperam,
Hécuba, para que terras te há-de ele conduzir
860 para seres vista? No reino de quem há-de tu morrer?

113 Rio da Tessália.

114 Bessa e Escarfeia, cidades da Lócrida.

115 Cidade da Messénia, de que Nestor era rei.

116 Cidade da Lacónia.

117 Região da Élida, perto de Olímpia.

118 Região e cidade a noroeste do Peloponeso.

119 Pélops, filho de Tântalo e pai de Atreu e Tiestes, foi responsável pela morte do sogro, Enómao de Pisa, na Élida, pai de Hipodamia, e pela do cocheiro de Enómao, Mírtulo.

120 Monte de Ítaca, considerado por Vergílio e Ovídio como uma ilha.

121 Ilha sob o domínio de Ulisses.

122 Ilha do mar Jónico, pátria de Ulisses.

ACTO QUARTO

HELENA (*Para si própria*)

Todo o casamento funesto, triste,
que traz lamentações, assassínios, sangue, gemidos,
é digno de ter Helena como madrinha. Mesmo depois de vencidos,
sou forçada a fazer mal aos Frígios: ordenam-me que conte 865
a história das falsas núpcias com Pirro, que ofereça os ornamentos
e as vestes graias. A irmã de Páris será enganada
pelo meu ardil e há-de morrer por causa da minha fraude.
Pois que seja defraudada; para ela acho até que isto será o melhor:
é uma morte a ser desejada, morrer sem medo da morte.
Porque hesitas em cumprir as ordens? A culpa de um crime coagido 870
volta-se contra o seu autor. – (*Para Políxena*) Nobre virgem
da casa dardânia, um deus mais favorável
começa a olhar pelos desgraçados, e prepara-se para te dotar
de um casamento feliz; tal união nem a própria
Tróia sã e salva nem Príamo te poderiam ter dado. 875
Pois a glória suprema do povo pelasgo,
cujos vastos reinos se estendem pelos campos tessálicos, 878
reclama-te para as obrigações sagradas de um casamento legítimo. 877
A ti a poderosa Tétis¹²³ e a ti tantas deusas do mar¹²⁴
e Tétis¹²⁵, plácida divindade do mar revolto, 880
hão-de chamar sua; concedida a Pirro, Peleu, teu sogro,
há-de chamar-te filha, e filha te há-de chamar Nereu.

123 No original *Tethys*. Uma das divindades primordiais das teogonias helénicas. Personifica a fecundidade feminina do mar. Filha de Geia e Úrano, irmã e mulher do Oceano.

124 As filhas do Oceano e as filhas de Nereu.

125 No original *Thetis*. Uma das Nereides, filhas de Nereu, o Velho do Mar, e de Dóris. Foi desposada por Peleu, de quem gerou Aquiles.

Tira essas vestes sujas, e aceita estas, festivas,
desaprende o papel de cativa; alisa a cabeleira desgrenhada
885 e permite que os teus cabelos sejam compostos por uma mão capaz.
Talvez esta queda te conduza
a um trono mais elevado. A muitos beneficiou a escravidão.

ANDRÓMACA

Faltava apenas este mal aos Frígios destruídos:
regozijarem-se – ardem espalhadas por toda a parte as ruínas de
Pérgamo:
890 ó tempo conjugal! Quem ousaria
negá-lo? Quem se aproximaria em dúvida do tálamo
que Helena aconselha? Peste, ruína, calamidade
de ambos os povos, vês estes túmulos de chefes
e os ossos nus, que jazem insepultos por toda a parte ao longo dos
895 campos? Espalhou-os o teu casamento.
Por tua causa correu o sangue da Ásia, correu o da Europa,
enquanto observavas com indiferença os teus maridos que se
digladiavam,
incerta dos teus votos – anda, prepara o casamento.
Que necessidade há de archotes ou do facho solene,
900 ou de fogo? Tróia alumia este inaudito casamento.
Celebrai, Troianas, as núpcias de Pirro,
celebrai-as condignamente: ressoem os prantos e os gemidos.

HELENA

Ainda que uma grande dor careça de razão e se negue
a deixar-se vergar e odeie por vezes até os
905 companheiros do seu pranto, posso, todavia,
defender a minha causa diante de um juiz hostil,
tendo suportado coisas piores. Andrómaca chora Heitor
e Hécuba chora Príamo: só Páris tem de ser chorado

às escondidas por Helena. É duro e odioso e pesado
 suportar a servidão? Há muito que suporto este jugo, 910
 cativa durante dez anos. Ílio está caída por terra,
 os penates virados ao contrário? Perder a pátria é penoso,
 mas mais penoso é temê-lo. Tão grande companheirismo
 alivia-vos neste infortúnio: contra mim se enfurecem o vencedor
 e o vencido.
 Pendeu durante muito tempo de uma sorte incerta qual a mulher 915
 que cada homem tomaria como escrava? O meu senhor tomou-me
 repentinamente, sem nenhum sorteio. Fui eu a causa das guerras
 e de tantas desgraças para os Teucros¹²⁶? Acredita nisso,
 se foi uma nau espartana que primeiro fendeu os vossos mares;
 mas se eu fui raptada, como uma presa, por remadores frígios 920
 e a deusa vencedora me ofereceu como prémio ao seu juiz,¹²⁷
 perdoa †a Páris: a minha causa será julgada
 por um juiz furioso: essas decisões aguardam
 por Menelau. Agora, Andrómaca, esquecidos por um pouco
 os teus lutos, procura convencê-la (*apontando para Polixena*). A 925
 custo consigo reter
 as minhas lágrimas.

ANDRÓMACA

Tamanho é o mal que faz Helena chorar!
 Mas porque chora ela? Diz-nos, que embustes,
 que crimes o Ítaco maquina; deve a virgem ser lançada
 do cume do Ida, ou projectada do alto do rochedo
 da elevada cidadela? Ou vai ser atirada ao mar imenso, 930
 rebolando por estes penedos que o Sigeu erige no seu flanco cindido,
 contemplando, do alto, as baías pouco fundas?

126 O mesmo que Troianos. Nome derivado do antigo rei Teucro.

127 I.e., o prémio oferecido a Páris por Vénus, pela escolha que ele fez. Cf. nota 21.

Fala, diz o que escondes sob o teu rosto enganador.
Todos os males juntos são mais suaves do que Pirro se tornar genro
935 de Príamo e de Hécuba. Fala, revela que castigo
preparas e subtraí pelo menos isto às nossas desgraças,
ser enganadas: vês-nos preparadas para suportar a morte.

HELENA

Oxalá o intérprete dos deuses me ordenasse também arrombar
com a espada as demoras deste dia odioso,
940 ou cair diante do túmulo de Aquiles pela mão
furiosa de Pirro, partilhando o teu destino,
desventurada Políxena, a qual Aquiles ordena que lhe seja entregue
e sacrificada diante das suas cinzas,
para que ele se torne um marido nos campos Elísios.

ANDRÓMACA

Vê como o seu grande espírito ouviu alegre a notícia da sua morte.
Ela estende o braço para os elegantes ornamentos da veste real
e permite que a mão se mova entre os seus cabelos:
o outro destino ela via como a morte; este, como um casamento.
Mas a mísera mãe fica atónita ao ouvir anunciar este luto;
950 a sua mente, cambaleando, sucumbiu – levanta-te, desgraçada,
recupera o ânimo e fortalece o espírito que fraqueja.
Quão frágil é o vínculo por que pende a sua ténue vida:
é mínimo o que agora seria necessário para fazer Hécuba feliz –
mas ela respira, voltou à vida. A morte é a primeira a fugir dos
desgraçados.

HÉCUBA

955 Aquiles mantém-se ainda vivo para castigo dos Frígios?
Ainda renova o combate? Ó mão leve de Páris!¹²⁸

128 Páris matou Aquiles, trespassando-lhe o calcanhar, sua única vulnerabilidade, com uma flecha.

A própria cinza, o próprio túmulo têm sede do nosso sangue.
Ainda há pouco uma multidão feliz estava ao meu redor,
eu ficava cansada de dar tantos beijos e de distribuir o meu amor
de mãe por uma família tão numerosa; agora resta-me apenas ela, 960
o meu desejo, a minha companhia, o consolo da minha aflição, a
minha paz;

ela é toda a descendência de Hécuba, já só por ela
sou chamada pelo nome de mãe. Vida cruel e infeliz,
vamos, escapa, e poupa-me por fim
deste único funeral – (*referindo-se a Políxena*) o choro inunda-lhe 965
as faces

e um pranto repentino cai-lhe dos olhos vencidos:
regozija-te, alegre-te, minha filha. Como desejaria
Cassandra o teu casamento, como o desejaria Andrômaca!

ANDRÔMACA

Nós, Hécuba, nós, nós, Hécuba, é que devemos ser lamentadas,
aquelas que a armada em movimento há-de levar, dispersando-nos 970
por aqui e por ali;
a esta, a terra que lhe foi querida a há-de cobrir na morada pátria.

HELENA

Mais a há-de invejar, se conheceres a tua sorte.

ANDRÔMACA

Alguma parcela do meu castigo me é desconhecida?

HELENA

A urna revolvida deu senhores às cativas.

ANDRÔMACA

A quem fui dada como serva? Fala, a quem chamo de senhor? 975

HELENA

No primeiro sorteio recebeu-te o jovem de Ciro.

ANDRÓMACA

Feliz Cassandra, a quem a loucura e Febo isentam do sorteio.

HELENA

O chefe supremo dos reis a tem em seu poder.

HÉCUBA

E há alguém que deseje que Hécuba seja dita sua?

HELENA

980 Caíste como sorte, presa pouco duradoura, ao Ítaco, que não te quer.

HÉCUBA

Que sorteador tão insolente, duro e feroz
de uma urna iníqua deu pessoas reais a reis?
Que deus tão adverso divide as cativas?
Que juiz cruel e opressor para as infelizes
985 não sabe escolher os senhores e com mão cruel
traça um destino iníquo para as infelizes? Quem a mãe de Heitor
une às armas de Aquiles?¹²⁹ Sou chamada para junto de Ulisses:
agora pareço vencida, agora pareço cativa, agora pareço
assaltada por todas as desgraças: tenho vergonha do meu senhor,
990 não da servidão. [Há-de levar o espólio de Heitor
o mesmo homem que levou o de Aquiles?] Essa terra estéril e cercada
de mares cruéis não pode receber o meu túmulo.¹³⁰
Conduz-me, conduz-me, Ulisses, não te demoro, sigo o meu senhor;

129 Que foram oferecidas a Ulisses, depois da morte de Aquiles.

130 I.e., Ítaca é muito pequena.

mas o meu destino há-de seguir-me (não há-de sobrevir no mar
uma quietude tranquila, as ondas hão-de enfurecer-se com os ventos) 995
e guerras e chamas e os meus males e os de Príamo.

Entretanto, enquanto esses males não chegam, isto serve de castigo:
apropriei-me primeiro da tua sorte, roubei-te um prémio melhor.
Mas Pirro chega com passo apressado
e olhar feroz. Porque hesitas, Pirro? Anda, 1000
rasga o meu peito com o ferro e do teu pai Aquiles
une o sogro e a sua mulher. Avança, assassino de velhos,
também este sangue te convém – ele a leva, arrastando-a.

(Para Pirro e os soldados)

Maculai os deuses celestes com este crime hediondo,
maculai os manes – que hei-de eu pedir para vós? Peço 1005
mares dignos deste sacrifício: que aconteça a toda
a armada pelasga, que aconteça às mil naus
o que eu pedir que aconteça à minha nau, quando me levar daqui.

CORO

Doce para quem sofre é uma multidão de lamentadores,
doce o ressoar das lamentações dos povos; 1010
mordem mais suavemente os lutos e as lágrimas
em que uma multidão participa, semelhante nos gemidos.

O sofrimento é sempre, sempre maligno:
alegra que o seu destino caia sobre muitos
e alegra não ser o único escolhido pelos castigos. 1015

Ninguém se nega a suportar a sorte
que todos sofrem.

Ninguém se há-de crer desventurado, mesmo que o seja:
arreda os que são felizes. Afasta os ricos
em muito ouro, afasta os que fendem 1020
os opulentos campos com cem bois:
o espírito abatido dos pobres há-de erguer-se –

ninguém é infeliz senão por comparação.
Para quem está rodeado por desmedida ruína,
1025 é doce que ninguém tenha um rosto alegre:
deplora e lamenta o seu destino
o que, cortando as ondas na sua nau solitária,
chegou nu ao porto desejado;
suportou mais calmamente a queda e as procelas
1030 o que viu mil embarcações juntas
ser tragadas pelo mar e a praia ser semeada
por tábuas naufragadas, enquanto o Coro¹³¹ impede o mar
de voltar para trás, tolhendo a liberdade das ondas.
Frixo lamentou-se por Hele ter caído,
1035 quando o guia do rebanho, de brilhante velo de ouro,
o irmão e a irmã levou juntos
sobre o seu dorso e a lançou
no meio do mar;¹³² Pirra e o marido¹³³
dominaram os seus queixumes, embora só vissem água,
1040 e não vissem nada mais que água,
únicos humanos deixados na terra.

131 Coro ou Cauro, o impetuoso vento de noroeste.

132 Frixo e Hele fugiram num carneiro alado de velo de ouro enviado por Júpiter para os salvar do ódio da madrastra, Ino, e da morte que ela lhes preparava. Tendo deixado Orcómeno, e dirigindo-se para oriente, Hele caiu ao mar, no estreito por isso conhecido por Helesponto. Já Frixo chegou são e salvo à Cólquida, onde desposou a filha do rei Eetes, Calcíope, sacrificando, em troca, o carneiro a Júpiter e oferecendo ao rei o velo de ouro, que Eetes, por sua vez, consagrou a Marte. Seria este velo o alvo da expedição dos Argonautas.

133 Deucalião era filho de Prometeu e Clímene. Casou com Pirra, filha de Epimeteu e Pandora, a primeira mulher. Quando Júpiter, por considerar que os homens da Idade do Bronze eram uma raça viciosa, os quis aniquilar, resolveu assolar o mundo com um enorme dilúvio que os afogasse a todos. Decidiu, no entanto, poupar apenas Deucalião e Pirra, que considerava justos. A conselho de Prometeu, os dois construíram uma arca, para se protegerem. Durante nove dias e nove noites, flutuaram nas águas do dilúvio e acabaram por chegar incólumes às montanhas da Tessália.

A armada em movimento há-de desfazer este grupo
e espalhar as nossas lágrimas por toda a parte,

* * * * *

quando os marinheiros, à ordem da tuba para se fazerem à vela,
com o impulso simultâneo dos ventos e dos remos 1045
alcançarem o alto-mar, e a praia há-de fugir.

Qual será o estado de espírito das infelizes quando toda
a terra decrescer e o mar crescer,
e o Ida elevado se esconder na distância?

Então o filho à mãe e a mãe ao filho, 1050
mostrando a região onde jaz Tróia,

há-de dizer e apontar de longe com o dedo:

«Além é Ílio, onde o fumo serpenteia nas alturas
em direcção ao céu e onde estão aquelas nuvens sujas».

Por esta marca hão-de os Troianos reconhecer a sua pátria. 1055

ACTO QUINTO

MENSAGEIRO

Ó destino duro, cruel, miserando, horrível!
Que crime assim fero, assim triste viu Marte
em duas vezes cinco anos? Quais hei-de gemer primeiro, ao falar,
(*para Andrómaca*) os teus lutos, ou antes os teus, anciã?

HÉCUBA

1060 Quaisquer que sejam os lutos que chores, são os meus lutos que
hás-de chorar:
a cada um oprime-o apenas a sua desgraça, a mim a de todos;
tudo me parece a mim. É desventurado quem quer que seja de
Hécuba.

MENSAGEIRO

A virgem foi sacrificada, o menino atirado das muralhas;
mas ambos enfrentaram a morte com nobreza de espírito.

ANDRÓMACA

1065 Expõe a sequência dos crimes, e descreve o duplo
homicídio: uma grande dor alegra-se em lidar com
os infortúnios todos juntos. Fala e conta-nos tudo.

MENSAGEIRO

1070 Resta uma única torre da grandiosa Tróia,
que Príamo costumava frequentar, e no topo da qual,
sentando-se nas suas mais elevadas ameias, como juiz da guerra,
controlava as linhas de batalha. Nesta torre, com o neto sentado
ternamente no seu colo, enquanto a ferro e fogo Heitor afugentava
os Dánaos postos em debandada por um medo terrível,

o ancião mostrava ao rapaz os combates do pai.
Esta torre outrora famosa e glória da muralha, 1075
hoje um cruel rochedo, é rodeada por uma multidão de chefes
e de populares concentrada em todos os lados; abandonando as naus,
aí se reúne todo o vulgo. A uns, uma colina distante oferece
uma vista desafogada sobre o amplo espaço;
a outros, um alto penhasco, em cujo topo 1080
a multidão se equilibra levantada nas pontas dos pés.
Um pinheiro sustenta este, um loureiro, aquele; uma faia, um outro,
e a floresta inteira estremece com os populares pendurados.
Um sobe ao extremo de um monte escarpado,
e aquele coloca-se sobre um telhado meio queimado ou sobre uma 1085
rocha pendente
da muralha derrubada, e há até mesmo um bárbaro espectador
(sacrilégio) que se senta sobre o túmulo de Heitor.
Através do espaço completamente apinhado o Ítaco avança
com o seu passo orgulhoso, levando o pequenino neto de Príamo
pela mão, e não é com um passo indolente que o menino 1090
se dirige ao cimo das muralhas. Quando se deteve
na parte mais alta da torre, lançou para um e outro lado o olhar
penetrante,
intrépido em coragem. Qual, de fera ingente,
a pequena e débil e ainda inofensiva cria
que já, todavia, ameaça com os dentes 1095
e ensaia mordeduras vãs e intumesce de raiva:
assim aquele rapaz, preso pela destra do inimigo,
se enche de orgulho, feroz. Ele tinha comovido o vulgo e os chefes
e o próprio Ulisses. De toda a multidão, só não chora
aquele que é chorado; e, enquanto do fatídico adivinho as palavras 1100
e as preces Ulisses pronuncia e convoca para os sacrifícios
os deuses cruéis, ele saltou por vontade própria
para o meio do reino de Príamo.

ANDRÓMACA

Que colco¹³⁴, que cita de morada incerta perpetrou
1105 um crime igual a este, ou que tribo das margens do Mar Cáspio,
desconhedora de leis, ousou algo semelhante? Não foi o sangue
de uma criança que respingou os altares do fero Busíris,¹³⁵
nem Diomedes deu como pasto aos seus rebanhos membros
tão pequenos.¹³⁶ Quem há-de cobrir os membros do teu corpo
1110 e confiá-los a uma sepultura?

MENSAGEIRO

Que membros terá na verdade deixado
aquele lugar íngreme? Ossos despedaçados
e esmagados pela violência da queda; os traços do seu corpo ilustre
e a fisionomia e aquelas feições conhecidas do pai,
tornou-os irreconhecíveis a colisão com a terra em baixo;
1115 o pescoço partiu-se no impacto com uma rocha, a cabeça
abriu-se, lançando os miolos todos para fora – ele jaz,
um corpo disforme.

ANDRÓMACA

Também assim é semelhante ao pai.

MENSAGEIRO

Quando o menino caiu, de cabeça para baixo, do alto da muralha
e a multidão de Aqueus chorou o crime que cometeu,
1120 esse mesmo povo regressou para outro crime e para

134 Natural da Cólquida, pátria de Medeia, filha do rei Eetes, aqui como paradigma de comportamento bárbaro.

135 Rei do Egipto, famoso por fazer sacrifícios humanos; foi morto por Hércules.

136 Diomedes era conhecido por alimentar os seus cavalos com carne humana.

o túmulo de Aquiles. As águas do Reteu¹³⁷ açoitam
o seu flanco mais distante com ondas mansas;
um campo circunda o lado oposto, e um vale erguido
em suave declive, confinando o lugar no meio,
cresce em forma de teatro. O afluyente aglomerado 1125
encheu toda a praia; uns acreditam que o retardamento da
armada
vai ser resolvido com esta morte, a outros alegra-os que a stirpe
dos inimigos seja amputada. Uma grande parte do vulgo inconstante
odeia o crime mas ainda assim fica para ver. E, em número não
inferior, os Troianos
enchem o seu próprio funeral e, tolhidos pelo medo, 1130
assistem ao derradeiro acto da queda de Tróia:
quando de súbito os fachos avançam como num casamento
e a madrinha, filha de Tíndaro, com a cabeça
baixa de pesar. «Que deste modo se case Hermíone»,
suplicam os Frígios, «que assim seja a torpe Helena 1135
devolvida ao seu marido». O terror deixa ambos
os povos atónitos. Ela própria baixou
o olhar com o pudor, mas os seus olhos refulgem ainda assim
e a sua beleza derradeira resplandece mais do que o costume,
tal como a luz de Febo costuma ser mais doce 1140
ao declinar, quando as estrelas renovam o seu ciclo
e o dia dúbio é ameaçado pela noite vizinha.
Todo o vulgo fica aterrorizado: [e geralmente todos louvam mais
o que está prestes a perecer] a estes, comove-os a beleza,
àqueles, a tenra idade; a outros, as volúveis mudanças do destino; 1145
a todos comove a coragem do espírito, indiferente à morte,
[ela vai à frente de Pirro; as mentes de todos estremecem]
admiram-se e enchem-se de piedade. Assim que chegou
ao cimo do monte escarpado e que o jovem

137 Promontório a norte de Tróia.

- 1150 se deteve na parte mais alta do túmulo do pai,
 a jovem audaz não recuou;
 mantém-se, feroz, virada de frente para o golpe, com um rosto
 ameaçador.
- Uma alma tão forte fere a mente de todos,
 e, prodígio nunca visto, Pirro hesita em matar.
- 1155 Quando ele enterrou a espada cravada fundo com a destra,
 no momento em que recebeu a morte, o sangue irrompeu
 subitamente
 de uma ferida ingente. Nem ao morrer, todavia,
 ela abandonou a coragem: caiu, de modo a tornar
 pesada a terra para Aquiles, virada para a frente e com um ímpeto
 furioso.
- 1160 Ambas as partes choraram; mas os Frígios apenas
 um tímido gemido, gemeu mais alto o vencedor.
 Este foi o desenrolar do sacrifício. O sangue derramado não
 estancou
 nem fluiu por cima da terra: logo absorveu
 todo o sangue, e o bebeu, o túmulo cruel.

HÉCUBA

- 1165 Ide, ide, Dánaos, procurai já em segurança as vossas casas;
 que fenda os mares desejados com as velas desfraldadas
 a armada sem cuidados: caíram a jovem e o menino;
 a guerra terminou. Para onde hei-de levar as minhas lágrimas?
 Quando hei-de exalar este obstáculo à morte de uma anciã?¹³⁸
- 1170 Hei-de chorar a filha ou o neto, o marido ou a pátria?
 Tudo ou eu? Só a morte é o meu desejo,
 tu que chegas violenta para crianças e virgens,
 apressas-te por toda a parte, cruel: só a mim me temes
 e me evitas, a mim que te procurei entre espadas e dardos

138 *Mora* (obstáculo ou demora) deverá referir-se aqui ao sopro vital (*spiritus*).

e fochos, durante a noite inteira, foges de quem te quer.
Nem o inimigo, nem a ruína, nem o fogo consumiram
os membros do meu corpo: e quão perto estive de Príamo.

1175

MENSAGEIRO

Dirigi-vos para a praia, cativas, com passo apressado:
já a nau solta as velas ao vento e a armada se põe em movimento.



POSFÁCIO

I

E ali estava o cavalo, enquanto os cidadãos se sentavam à volta, discutindo de modo prolixo e confuso. Três planos lhes agradaram: ou rachar a madeira oca com o bronze impiedoso; ou arrastá-lo até ao cimo da cidade e atirá-lo para as rochas; ou deixá-lo ficar como oferenda encantadora para os deuses – e foi isto o que acabou mais tarde por acontecer, pois era seu destino perecerem, quando a cidade circundasse o grande cavalo de madeira, dentro do qual estavam sentados os melhores dos Aqueus para trazer aos Troianos a morte e o destino.

Odisseia 8.505-513¹

As histórias relativas à queda de Tróia encontram-se plasmadas numa muito rica tradição literária, mitográfica e artística. Apesar de a acção da *Iliada* terminar antes da destruição da cidade e de o início da *Odisseia* ser já posterior a esse marco, os episódios decorridos entre as duas épicas homéricas seriam narrados em outras épicas gregas arcaicas hoje perdidas, de que o *Saque de Tróia* (*Iliou Persis*, de Arctino de Mileto) e a *Pequena Iliada* (*Ilias Mikra*, de Lesques de Pirra) são exemplo. Para os Romanos, esses episódios ganharam uma ressonância especial com a sua épica nacional, a *Eneida*, em que não só se narra de forma vívida a queda de Tróia, mas também se celebra a sobrevivência parcial de Tróia no exílio, figurada em Roma como continuidade. À audiência das *Troianas* de Séneca (leitores / ouvintes), não passariam despercebidos ecos da *Eneida* (em particular do livro segundo), nem a influência do livro 13 das *Metamorfoses* de Ovídio na composição da cena de morte de Políxena.

O sofrimento dos Troianos depois da queda da sua cidade foi

1 Tradução de Frederico Lourenço, Lisboa, Cotovia, 2003.

objecto de dramatizações várias, mas, apesar de esparsos pontos de semelhança, nenhuma delas parece ter sido fonte exclusiva da peça de Séneca. Centremo-nos somente nas principais. A *Políxena* de Sófocles, que se perdeu, incluiria uma aparição da sombra de Aquiles a exigir a morte de Políxena. As *Troianas* de Eurípides, apesar do título idêntico, divergem substancialmente das de Séneca. Já a *Hécuba*, também de Eurípides, se aproxima mais em alguns aspectos: nela se trata a morte de Políxena em paralelo com a morte de um outro jovem de Tróia, Polidoro. Não chegaram até nós as tragédias romanas de tema troiano. Supõe-se que a *Andrômaca Cativa* de Ênio trataria as mortes de Políxena e Astíanax. O *Astíanax* de Ácio representaria a tentativa por parte de Andrômaca de esconder o filho nas montanhas, e não no túmulo de Heitor.

A hipótese mais provável é Séneca ter composto os seus dramas com grande independência relativamente aos precedentes literários de que pudesse dispor. Com efeito, se até ao momento ainda não foi possível esclarecer inteiramente quais as fontes que terão sido utilizadas pelo filósofo para compor as suas tragédias, em muito devido à perda quase total da poesia trágica latina anterior à de Séneca,² o que torna praticamente irrealizável averiguar acerca do vínculo da sua obra com modelos nacionais; com «Senecan Drama and its Antecedents», Tarrant procurou demonstrar que a tragédia ática do século v a.C. foi, em muitos casos, uma fonte remota para Séneca; que as peças de Séneca apresentam parentesco com uma forma cuja evidência mais antiga a ter sobrevivido é a Comédia Nova; e, por

2 Para se ter uma ideia do volume da produção apenas dos três maiores trage-diógrafos da época da República, bem como da extensão da perda desses textos, estima-se que Ênio terá composto 22 tragédias, Pacúvio, 14, e Ácio, 48. De toda esta produção dramática, restam-nos meros fragmentos (pouco mais de quatrocentas linhas para Ênio e Pacúvio, cerca de setecentas, para Ácio). Já sob Augusto, Lúcio Vário, poeta épico, escreveu um *Tiestes*, encenado em 29 ou 28 a.C.; e Ovídio, uma *Medeia*, provavelmente nunca encenada, antes apresentada somente em leituras para um público restrito, por volta de 12 a.C.

fim, que a concepção senequiana de estrutura e estilo dramáticos, bem como da generalidade do conteúdo das peças, teria sido inspirada, sobretudo, por autores latinos da época de Augusto.

II

E agora, depois de tantos ter perdido, tu [Políxena], a única que aliviava esta dor de mãe, foste imolada junto ao túmulo de um inimigo. Ao inimigo pari a oferenda fúnebre! Porque vivo, feita ferro? Que espero eu? Para o que me reservas, ó longa senectude? Porque prolongais, deuses cruéis, a vida a uma velha, senão para ver novas exéquias? Quem julgaria possível que Príamo fosse dito afortunado depois da destruição de Pérgamo? Afortunado é, porque morreu. Assim não te vê assassinada, filha minha, ele que perdeu a vida juntamente com o reino.

Ovídio, *Metamorfoses* 13.514-522³

As *Troianas* distinguem-se entre a produção trágica de Séneca, pelo vasto rol de personagens, variadas, quer em nacionalidade (gregas e troianas), quer no tipo. Dentre elas não sobressai uma personagem dominante ou central, como Hércules ou Medeia nas peças homónimas, apesar de Hécuba ser um símbolo da comunidade troiana. A peça apresenta ainda um enredo duplo, centrado ora em Políxena, ora em Astíanax.

Não obstante essa multiplicidade, a peça passa uma ideia de unidade, patente na sua estrutura. O duplo enredo de que falávamos encontra-se construído em paralelo: cada um dos enredos inclui, primeiro, a exigência de que um jovem troiano seja sacrificado; em segundo lugar, uma feroz oposição a essa exigência; em terceiro, a narrativa de cada morte.

A apresentação dos dois enredos obedece a uma estrutura

3 Tradução de Paulo Farmhouse Alberto, Lisboa, Cotovia, 2010².

interpolada: o acto segundo centra-se em Políxena, o terceiro em Astíanax, o quarto de novo em Políxena, e o quinto nas mortes de Astíanax e de Políxena. Enquadra esse duplo enredo, no princípio e no fim da peça, a personagem de Hécuba, espécie de figura materna para todos os Troianos.

Outro elemento unificador da peça é constituído pelas referências, por parte, quer de Gregos, quer de Troianos, à Guerra de Tróia. A peça evoca constantemente, directa ou indirectamente, episódios da guerra – desde o seu despontar, com o julgamento de Páris, passando pelo rapto de Helena, pelo demorado ancoradouro da armada grega em Áulis, até ao décimo ano da guerra. Mencionam-se ainda a disputa de Agamémnon com Aquiles, as mortes de Heitor e Aquiles, o saque da cidade e o assassinio de Príamo. Além disso, diversos eventos da peça sugerem pretéritos episódios da guerra: o assassinio de Políxena por parte de Pirro traz à memória o seu assassinio do igualmente indefeso Príamo. A alteração entre Agamémnon e Pirro no acto segundo evoca dois episódios anteriores, a saber, a resistência de Agamémnon perante a necessidade do sacrificio de Ifigénia em Áulis⁴ e a sua disputa com Aquiles a respeito da posse da cativa Briseida. Em ambas as ocasiões Agamémnon cedera, permitindo, quer o sacrificio da filha, quer a devolução de Briseida a Aquiles; também perante Pirro ele cede, na medida em que estaria ciente de que, uma vez consultado, o adivinho Calcas haveria de apoiar o sacrificio a que ele se opunha, como de facto viria a acontecer. O acto terceiro, em que Ulisses se serve da sua proverbial astúcia de modo a desmascarar o logro de Andrómaca, lembra episódios passados em que Ulisses havia derrotado outros por meio de artimanhas e manipu-

4 Além disso, repare-se ainda num outro paralelo muito significativo: tal como Ifigénia caminhara iludida para a morte, sob o falso pretexto de um casamento com Aquiles, também a Políxena se fala de um suposto casamento com Pirro, quando, na verdade, lhe preparavam a morte.

lação: Aquiles em Ciro, Palamedes, e Ajax na disputa pela posse das armas de Aquiles.

Apesar de centrada nos Troianos, a peça também se liga, assim, à experiência dos Gregos na guerra, no passado e no presente. Com efeito, nota Fitch (2002 166), o título *Troianas* é um simples rótulo que identifica a peça, provavelmente tomado de empréstimo da peça homónima de Eurípides, à qual em parte se assemelha. Na verdade, nem há certezas sobre se o título por que a peça é conhecida é da autoria de Séneca. Ainda assim, e apesar de, à excepção das *Fenícias*, as restantes peças de Séneca terem o nome da respectiva personagem principal, o título *Troianas* afigura-se o mais apropriado para esta tragédia. É que o Coro de mulheres troianas desempenha um papel marcante na acção e há partes centrais dedicadas a três mulheres troianas nobres: Hécuba, Andrómaca e Políxena (que nunca fala).

Dominante nas *Troianas* é a experiência do sofrimento, do luto, da dissolução de identidade. Diz ainda Fitch (2002 166) que a peça poderia ter sido concebida como um mero «oratorio of grief», centrada apenas nos elementos passivos do sofrimento; mas que, ao invés, Séneca a investiu de uma qualidade activa, ao mostrar como a tragicidade nasce da dinâmica das interacções humanas, da importância do poder na vida. Pirro vê o poder como absoluto e defende que a vitória militar garante ao vencedor um domínio completo sobre o vencido (333, 335 e 344-346). Já Agamémnon abraça o ponto de vista contrário (258-275), que a queda de Tróia demonstra a fragilidade do poder (lição proclamada por Hécuba logo no início da peça). Com efeito, como em tantas outras tragédias, um dos temas principais nas *Troianas* é a volubilidade da Fortuna e, conseqüentemente, a posição instável dos detentores do poder. Tema com esse correlacionado é a dependência da humanidade, vencedores, bem como vencidos, dos *fata* (352, 360, 368, 510-512 e 528). Mas no esgrimir de argumentos entre os dois

guerreiros, a visão mais humana de Agamémnon não é suficiente para vergar a severidade de Pirro, disposto a usar de violência se necessário.

O sofrimento que ecoa por toda a peça é partilhado pelo vencedor e pelo vencido. Quer para Hécuba, quer para Helena, que apenas desejam a libertação que vem com a morte, a vida é uma desgraça insuportável; para Pirro, uma luta obstinada, egoísta e cruel; um trabalho desumano de autopreservação para Agamémnon e Ulisses; para Andrómaca, uma luta vã e moralmente ambígua na tentativa de preservar a família real troiana; alegria, essa, para ninguém, nem para vencedores, nem para vencidos. O mundo da peça é oprimido por uma fortuna volúvel, deuses cruéis, portentos estranhos e por um destino inexplicável. Um mundo em que liberdade e felicidade são obtidas apenas no momento da morte, um mundo para os vivos apenas suportável, ou pela crença em ilusões (Andrómaca, Astíanax), ou pela esperança na aniquilação total (Coro, Políxena), ou pelo distanciamento mental e emocional relativamente ao horror que o envolve.

Além da experiência da brutalidade da vida, vai crescendo na peça a percepção, primeiro transmitida por Hécuba, da morte enquanto refúgio: pese embora a sua crueldade, a morte de Príamo representa a liberdade, preferível ao cativo com todas as suas indignidades (142-155). Emulando Hécuba, o Coro descreve Príamo vagueando feliz pelo Elísio, numa sugestão em que, como nota Fantham (1982 82), nem Séneca, nem a sua audiência acreditariam verdadeiramente. Esse tema é retomado mais à frente na peça, quando Andrómaca encoraja o filho a ver a morte como libertação, uma forma de se unir aos Troianos livres (790-791). Com efeito, quer Astíanax, quer Políxena, enfrentam a morte com coragem, ao jeito estóico, abertamente desafiando os seus algozes. O tema da morte como libertação é tratado com um diferente matiz, mais sombrio, na segunda ode coral, em que se afirma que

a morte põe termo à consciência e existência humanas. Ora, esta visão (negativa), da morte como cessação, vai contra aquela veiculada pela imagem de Príamo feliz nos Campos Elísios, da morte como pórtico para um *post mortem* (visão positiva). Ainda assim, qualquer uma das visões oferece um valor consolatório para os vivos. Nos seus tratados em prosa, Sêneca, sem se decidir por nenhuma das opções, enfatiza, porém, a consolação que ambas podem oferecer (e.g., *Consolação a Políbio* 9). No caso das *Troianas* em particular, as mortes corajosas de ambos os jovens troianos provam o mesmo ponto: Astíanax toma a iniciativa de se atirar do alto da muralha na expectativa de ir ao encontro do pai e dos restantes Troianos, ao passo que Políxena, é lícito supor-se, morre na expectativa de que não sobreviva de si nem uma mera sombra que pudesse vir a ser desposada por Aquiles nos Infernos.

É sobretudo na obra filosófica de Sêneca, em que se incluem os *Diálogos* e as *Cartas a Lucílio*, que a questão da morte é tratada com grande acuidade. Nela se propõe uma variada coleção de soluções, que vão, com efeito, desde a negação completa da imortalidade da alma, até à crença numa sobrevivência ilimitada, de tipo mais pitagórico do que estóico. Não é possível determinar se terá havido, e qual terá sido, a evolução do pensamento senequiano nesta matéria. O mais certo talvez seja admitir que Sêneca nunca terá fixado definitivamente uma solução, hesitando antes entre várias possíveis e equacionadas (Hoven 125-126). Parece, no entanto, poder afirmar-se que Sêneca não admitiria, pelo menos, as explicações tradicionais, «folclóricas», do problema, rejeitando, como tal, as crenças no Tártaro, nas punições mitológicas do tipo das de Tântalo, Atreu, Ixíon, Sísifo, entre outros célebres suplicia-dos, muito embora as tenha admitido na sua obra, mormente nas tragédias, a título de mero artifício literário, porém. A uma análise mais a fundo do tratamento e da importância do tema da morte nas *Troianas* dedicaremos o próximo capítulo.

III

O sábio considera como indiferente se a sua morte é natural ou voluntária, se ocorre mais tarde ou mais cedo; não tem que rezear qualquer grande perda: num líquido vertido a conta-gotas, quem se interessa por uma gota a mais ou a menos? Morrer mais cedo, morrer mais tarde – é questão irrelevante; relevante é, sim, saber se se morre com dignidade ou sem ela, pois morrer com dignidade significa escapar ao perigo de viver sem ela!

Séneca, *Cartas a Lucílio* 70.5-6⁵

As *Troianas* é a peça de Séneca que mais a fundo trata a questão da vida depois da morte. Fantham (1982 78-92) considera que os mortos são os agentes e os motivadores da acção dramática e discute as implicações da aparente contradição entre diferentes visões relativas à vida depois da morte.

Há, na peça, quatro visões da vida depois da morte: 1) sobrevivência pela fama ou memória póstumas – defendida por Agamémnon, que argumenta contra o sacrifício de Políxena (293-300); 2) sobrevivência no Elísio (158 e 944); 3) sobrevivência enquanto sombra (no caso de Aquiles, com vontade própria e a capacidade de aparecer quando quisesse, 181) ou visão (caso de Heitor, que aparece no sonho de Andrómaca, 438-ss.); 4) sobrevivência através de descendência.

No que concerne à hipótese 1, como nota Bishop (332), Políxena representava a capacidade de dar à luz uma nova geração de Troianos e, conseqüentemente, um potencial de ressurreição da cidade. Ao destruírem-na, os Gregos matam, não só um futuro Heitor / Príamo, mas também qualquer possível futuro Astíanax. Ao invés de lhe ser permitido unir-se a um homem vivo e dar continuidade à vida por meio de descendência, Políxena dever-se-á

5 Tradução de Segurado e Campos, Lisboa, FCG, 2004².

casar com uma sombra e a ela se unir no Hades. Nota ainda Bishop que Políxena constitui um precedente para todas as outras Troianas: também elas não poderão criar uma nova geração de Troianos, mas, ao invés, serão distribuídas por senhores gregos, o que há-de pôr termo ao ciclo de vida de Tróia.

Curiosamente, uma espécie de consolação radicada no ideal de Tróia renascida em Roma – arreigado na cultura romana e base, por exemplo, da *Eneida*, como vimos atrás – não é, de forma alguma, explorada pelas personagens da peça.

Relativamente à hipótese 4, Agamémnon sublinha que a ira de Pirro representa não meramente o temperamento fioso que por norma está presente nas crianças, mas antes constitui um legado do seu pai, Aquiles (250-253). A ideia de que os filhos são uma extensão dos pais, que lhes sobrevive até depois de eles morrerem, relaciona-se de forma muito estreita com o conceito estoico de *oikeiôsis*, definido como a «percepção e a apreensão do que é semelhante a uma determinada pessoa» (SVF 2.724) e entendido como o impulso que leva as criaturas a procurar a autopreservação (Cícero, *Dos Ofícios* 3.57-65 e *Das Últimas Fronteiras do Bem e do Mal* 3.16).

Apesar da descrição que dele é feita enquanto um guerreiro ferido, também Heitor tem um filho que se lhe assemelha tal como ele fora outrora. Ao longo da peça, Astíanax é visto, não tanto como um indivíduo de direito próprio, quanto como um novo Heitor (e, menos frequentemente, como um novo Príamo), o espírito de uma nova Tróia. No sonho de Andrómaca, Heitor refere-se ao filho, não pelo nome, mas sim como «a pequenina estirpe da nossa casa» (456). E Andrómaca é ainda mais explícita relativamente àquilo que considera que deveria ser o destino do filho (461-474): defender e vingar o solo pátrio, reconstruir Tróia. Tal como Pirro, Astíanax herdou a fisionomia e o carácter do pai (465-467 e 504-506). Até os Gregos o reconhecem: Calcas chama-lhe «o neto

de Príamo, filho de Heitor» (369). Ulisses diz que os guerreiros temem um «futuro Heitor» (551), que possa um dia vir a ameaçar os seus próprios filhos (593). O derradeiro defensor de Tróia é, por isso, morto a partir da última fortificação que permanece de pé em toda a cidade, e que se encontrava, de resto, intimamente associada à família real troiana. Depois de embater no chão e de ficar desfigurado, seria de esperar que o corpo de Astíanax, cujos traços antes o assemelhavam a Heitor, não mais permitisse, assim deformado, identificá-lo com o progenitor. No entanto, como lamenta Andrómaca, até nisso ele se assemelha ao pai (1117).

Para a análise das duas outras hipóteses de sobrevivência da alma, é elucidativo o artigo de Lawall, em que o autor considera, também ele, que o tema da morte dá unidade às *Troianas* de Séneca e que a queda e o saque de Tróia são apresentados como a morte de uma grande cidade, cujos baluarte, Heitor, e rei, Príamo, já se encontram mortos e cuja última descendência real, Astíanax e Políxena, a única esperança da cidade num futuro, é capturada e conduzida à morte no decurso da peça. A morte de Tróia e as mortes do seu povo são ligadas pela indagação de se é a morte uma aniquilação final (aquilo a que Lawall chama a visão lucreciana) ou uma transição dolorosa para o renascer da cidade e para a sobrevivência da alma (visão vergiliana).

No entanto, a essa indagação não é dada resposta na peça. Algumas personagens justificam as suas acções com crenças não fundamentadas num Elísio vergiliano, ao passo que Políxena aceita com bravura ser sacrificada, na convicção lucreciana de que a morte é o fim e de que não há vida além da morte. Vejamos.

Para personagens como Hécuba ou Andrómaca, o que resta depois da morte será, quando muito, um renascer de Tróia além da sepultura. No seu lamento conjunto com o Coro, Hécuba declara que a morte de Príamo não deve ser deplorada e que ele é «feliz» e «livre» no Além, tendo escapado à infâmia do cativo e à degra-

dação de integrar, como despojo de guerra, um cortejo triunfal (142-155). O Coro persiste nesta ideia e prolonga-a ainda mais (156-163). Ao partir deste mundo, Príamo levou com ele o seu reino (157). Ele vagueia agora pelas sombras do bosque Elísio e, feliz, procura Heitor por entre as almas piedosas (158-160). Posteriormente, Andrómaca, ao se aperceber de que não poderá salvar Astíanax para reerguer Tróia neste mundo, manda-o para a Tróia do Além, ecoando as palavras do final do lamento de Hécuba e do Coro: «Espera-te a tua Tróia: / vai, avança livre, vê livres também os Troianos» (790-791). Tal como Príamo tinha sido descrito a procurar Heitor, também Andrómaca manda o filho ir ter com o pai: «corre ao encontro do teu pai» (801). Avô, pai e filho reunir-se-iam, assim, num transplantado reino de Tróia.

Teria sido a inabalável crença de Andrómaca numa vida no Além a insuflar em Astíanax a confiança e a coragem de que dá prova quando se prepara para morrer no final da peça. A torre de que salta é a mesma em que no passado se sentava ao colo de Príamo a assistir aos combates vitoriosos do pai na planície em baixo (1068-1074). Essas memórias de Heitor e Príamo reforçariam o efeito das palavras de Andrómaca e aumentariam a confiança de Astíanax à medida que sobe para a torre, sem «passo indolente» (1090), e quando, chegado ao cimo, olha feroz para um e outro lado, «intrépido em coragem» (1093).

É o culminar do processo de transformação do túbio suplicante junto da mãe, nos vv. 794-799 comparado a um «novilho de tenra idade que ao ouvir o rugido do leão / encosta à mãe o seu flanco temeroso», no rapaz feroz e destemido que nos vv. 1093-1098 é comparado à cria ameaçadora de uma fera, e que a todos impressiona no momento da morte – ao vulgo, aos chefes gregos, ao próprio algóz, Ulisses. Astíanax não chora, nem espera que Ulisses o empurre da torre, assim negando as implicações do primeiro símile, que o equiparava à vítima passiva de um leão rapace. Instigado

pela forte convicção da mãe na vida que o espera numa Tróia que existiria no Além, e portador da mensagem de Andrômaca para Heitor, Astíanax salta «por vontade própria / para o meio do reino de Príamo» (1102-1103).

Todavia, o Coro, na ode sobre a morte (371-408), que canta logo depois de Calcas ter declarado que Políxena e Astíanax deviam morrer, questiona se a alma sobrevive à morte, para concluir enfaticamente que não. De acordo com os preceitos aqui expressos pelo Coro, e que lembram os de Lucrecio, tudo o que restaria de Astíanax depois de ter saltado da torre seria o seu deforme corpo destruído pelas rochas contra as quais chocou (1110-1117); e a ideia do Elísio, bem como a da reunião com o pai e o avô, não passaria de uma ilusão.

A ode coral sobre a morte é uma peça fundamental na estrutura da peça. A firme rejeição lucreciana⁶ da *fabula* de que a alma sobrevive à morte («as sombras continuam a viver depois de sepultados os corpos», 372) e a sua asserção de que «depois da morte não há nada» (397) esbarram com as aparições vergilianas de sombras e com passos da peça – a título de exemplo, alguns do que acabámos de ver – que veiculam a crença numa vida além da morte no Elísio. Em contraste com Astíanax, Políxena revela pelo seu comportamento que partilhava a visão do Coro da morte enquanto aniquilação ou esquecimento. Ao entrar em cena, ela mostra-se como

6 Nota Colakis (151) que, apesar do teor epicurista por norma reconhecido à segunda ode coral das *Troianas*, as suas origens se podem reportar a mais do que uma fonte. O desaparecimento da alma no ar (379-380) é inspirado em Lucrecio 3.436-447. E a afirmação «Depois da morte não há nada e a própria morte é nada» (397) é baseada em Lucrecio 3.830: «Por conseguinte, a morte para nós é nada e não nos preocupa de que modo for». Ainda assim, nem toda a ode seria inspirada nesse autor. Nos vv. 386-392 Séneca parece aludir à teoria estóica da *ekpyrōsis*, a cíclica conflagração universal. A ideia de que depois de mortos nos encontraremos na mesma condição dos que não nasceram remontaria a Bion-o-Cínico (Estobeu, *Flor.* 4.52.39 ed. Wachsmuth et Hense). Cf. Séneca, *Consolação a Políbio* 9.2, e *Cartas* 54.3-4, 77.11 e 102.27.

uma verdadeira cativa, vestida para lamentar e com o cabelo desgrenhado (883-885). A sua tristeza e desprezo aumentam perante a notícia do pretendido casamento com Pirro. Todavia, quando a verdade é revelada, que seria sacrificada sobre as cinzas de Aquiles, de modo a por ele ser desposada nos Campos Elísios, o seu «grande espírito» ouve «alegre» o seu destino e ela aceita, então, de bom grado, as vestes nupciais e a madrinha de casamento, Helena (945-947). Políxena encarava o casamento com Pirro com o mesmo horror com que qualquer outra pessoa encararia a morte («o outro destino ela via como a morte»), ao passo que aceita a sua morte iminente com a mesma alegria com que qualquer outra pessoa consentiria num casamento («este, como um casamento», 948). Naturalmente que não se regozijaria se acreditasse que efectivamente haveria de estar casada com Aquiles no Elísio, mas antes se regozija porque acredita que a morte é o fim, não existe Além e o casamento com Aquiles além do túmulo é mera ilusão. Políxena acredita, à semelhança do Coro, que a morte é aniquilação, esquecimento, e, como tal, aceita-a como libertação da miséria da vida.

As duas principais visões relativas à morte apresentadas nas *Troianas* perpassam igualmente, como assinalado atrás, pelos tratados em prosa de Séneca. Na *Consolação a Mária*, por exemplo, o autor declara que a morte reduz todas as coisas a nada, num passo com muitas afinidades com a ode coral das *Troianas*:

Pensa que um morto não é atingido por nenhum mal, que são fábulas aquelas coisas que nos descrevem os infernos como terríveis, e que não ameaçam os mortos nenhuma treva, nem cárcere, nem rios ardendo em fogo, nem o rio do Esquecimento, nem tribunais e réus, e, naquela liberdade tão ampla, de novo alguns tiranos, essas coisas criaram-nas os poetas e inquietaram-nos com terrores vãos.

A morte é a libertação de todas as dores e o limite para além do qual os nossos males não passam, é ela que volta a colocar-nos naquela tranquilidade em que repousámos antes de nascer. Se alguém se compadece dos mortos, compadeça-se também dos que ainda não nasceram. A morte não é nem um bem nem um mal; pois só pode ser um bem ou um mal

aquilo que é alguma coisa, mas, o que por si mesmo é nada e tudo reduz a nada, não nos entrega a nenhuma sorte. Os males e os bens, com efeito, dizem respeito a alguma coisa de material: a sorte não pode reter aquilo que a natureza deixou partir, nem pode ser infeliz aquele que nada é. (19.4-5)⁷

Esta é a visão do Coro e de Políxena a respeito da morte. Mais à frente nessa mesma obra, Séneca apresenta a muito diferente perspectiva da morte partilhada por Andrómaca e Astíanax, descrevendo a alma do filho de Márcia de um modo que, na opinião de Lawall, faz de Séneca um tributário do sonho dos Cipiões do *Da República* de Cícero:

Por isso, não há por que corras ao sepulcro do teu filho: ali jazem as suas piores partes e as mais incómodas para ele, os ossos e as cinzas, não mais partes suas do que as vestes e outras protecções do corpo. Ele escapou-se intacto, sem deixar nada de si na terra e partiu completo; depois de se demorar um pouco sobre nós, enquanto se purificava e sacudia os defeitos arreigados e toda a sujidade própria da vida mortal, em seguida, elevando-se até ao mais alto do céu, move-se rapidamente entre as almas felizes. Acolheu-o uma assembleia sagrada, os Cipiões e os Catões e, entre os desprezadores da vida e livres graças à morte, o teu pai, Márcia.

Ele encosta a si o seu neto – ainda que ali todos sejam aparentados –, que se regozija com uma nova luz, e ensina-lhe o curso dos astros vizinhos, conhecedor de tudo não por conjectura mas pela verdade, condu-lo de bom grado nos segredos da natureza; e assim como é agradável para o visitante aquele que mostra cidades desconhecidas, assim também ele é o intérprete familiar para o teu filho que indaga sobre as causas dos fenómenos celestes. E convida-o a lançar a vista para as profundezas da terra; com efeito, é agradável contemplar lá do alto o que se deixou. (25.1-2)

Centrando-nos novamente nas *Troianas*, repare-se em que, quer Astíanax, quer Políxena, apesar de partirem para a morte com crenças diferentes, morrem «com nobreza de espírito» (1064), e

7 Tradução de Alexandra Flôr Pauzinho Caroço ('Omnia humana caduca sunt': *A Consolação a Márcia de Séneca*, Faculdade de Letras de Lisboa, 2011).

em que a morte de cada um deles, apresentada em forma de espectáculo, é enquadrada pela descrição do espectáculo maior da morte da cidade, naquela que foi a segunda guerra de Tróia, a segunda vez em que as flechas de Hércules foram usadas contra a cidade (135-137); mas uma guerra pior do que a primeira, porque desta feita Tróia foi derrubada.

BIBLIOGRAFIA

I. TEXTOS

a) Edições, traduções e comentários da tragédia *Troianas*

- AHL, Frederick (1986). *Seneca. Trojan Women*, Ithaca, Cornell University Press.
- BOYLE, Anthony J. (1994). *Seneca's Troades*, Leeds, Francis Cairns Publications.
- CAVIGLIA, Franco (1981). *L. Anneo Seneca. Le Troiane*, Roma, Edizioni dell'Ateneo.
- FANTHAM, Elaine (1982). *Seneca's Troades*, Princeton.
- FITCH, John G. (2002). *Seneca Tragedies: I*, Cambridge.
- KEULEN, Atze J. (1995). *L. Annaeus Seneca. Troades*, Leiden.
- MILLER, Frank J. (1968). *Seneca's Tragedies*, London, William Heinemann Ltd.
- SLAVITT, David R. (1992). *Seneca. The Tragedies*, vol.I, Baltimore and London, Johns Hopkins University Press.
- STOK, Fabio (2007³). *Seneca. Le Troiane*, Milano, BUR.
- WATLING, Edward F. (1966). *Seneca. Four Tragedies and Octavia*, London, Penguin.
- ZWIERLEIN, Otto (1986). *L. Annaei Senecae Tragoediae*, Oxford University Press.

b) Edições, traduções e comentários de outras obras

- BASORE, John W. (1970). *Seneca. Moral Essays* (in three volumes), London, William Heinemann Ltd.
- CAMPOS, José A. S. (1996). *Séneca. Tiestes*, Lisboa, Verbo.
- (2004²). *Séneca. Cartas a Lucílio*, Lisboa, FCG.

- DUARTE, Ricardo (2010). *Sêneca. Medeia*, Lisboa, Sá da Costa.
 ——— (2012). *Sêneca. Édipo*, Lisboa, Artefacto.
- GUMMERE, Richard M. (1970). *Seneca. Epistulae ad Lucilium*, London, William Heinemann Ltd.
- KASTER, Robert A. et NUSSBAUM, Martha C. (2010). *Seneca. Anger, Mercy, Revenge*, The University of Chicago Press.
- REYNOLDS, Leighton D. (1988). *L. Annaei Senecae Dialogorum Libri Duodecim*, Oxford University Press.

II. TEORIA ESTÓICA E ESTOICISMO EM SÊNeca

- BODSON, Arthur (1967). *La morale sociale des derniers Stoïciens. Sénèque, Epictète et Marc-Aurèle*, Paris, Les Belles Lettres.
- BRUN, Jean (1972^R). *Le stoïcisme*, Paris, Presses Universitaires de France, col. «Que sais-je?», n.º 770 [trad. port. João Amado, *O estoicismo*, Lisboa, Edições 70, 1986].
- BRUNSWIG, Jacques et NUSSBAUM, Martha (eds.) (1993). *Passions & Perceptions. Studies in Hellenistic Philosophy of Mind, Proceedings of the Fifth Symposium Hellenisticum*, Cambridge.
- FITCH, John G. (ed.) (2008). *Oxford Readings in Classical Studies. Seneca*, Oxford University Press.
- GOURINAT, Jean-Baptiste (2007). *Le stoïcisme*, Paris, Presses Universitaires de France, col. «Que sais-je?», n.º 770.
- GRIFFIN, Miriam T. (1992^R). *Seneca. A Philosopher in Politics*, Oxford Clarendon Press.
- GRIMAL, Pierre (1966^R). *Sénèque*, Paris, Presses Universitaires de France, col. SUP.
 ——— (1971). *Sénèque ou la conscience de l'Empire*, Paris, Les Belles Lettres.
- HOVEN, René (1971). *Stoïcisme et stoïciens face au problème de l'au-delà*, Paris, Les Belles Lettres.
- INWOOD, Brad (ed.) (2003). *The Cambridge Companion to the Stoics*, Cambridge.

- (ed.) (2005). *Reading Seneca, Stoic Philosophy at Rome*, Oxford University Press.
- LAURAND, Valéry (2002). *Le vocabulaire des stoïciens*, Paris, Ellipses.
- MITISIS, Phillip (1993). «Seneca on Reason, Rules and Moral Development», Brunschwig & Nussbaum eds., pp. 285-312.
- NUSSBAUM, Martha (1987). «The Stoics on the Extirpation of the Passions», *Apeiron* 20, pp. 129-177.
- (1993). «Poetry and the Passions: Two Stoic Views», Brunschwig & Nussbaum eds., pp. 97-149.
- PIMENTEL, Maria C.C.M.S. (2000). *Sêneca*, Lisboa, Inquérito.
- RIST, John M. (ed.) (1978). *The Stoics*, Berkeley, University of California Press.
- (1969). *Stoic Philosophy*, Cambridge University Press.
- (1989). «Seneca and Stoic Orthodoxy», *ANRW* II 36.3, pp. 1993-2012.
- RODIS-LEWIS, Geneviève (1970). *La morale stoïcienne*, Paris, Presses Universitaires de France.
- VEYNE, Paul (2007). *Sénèque. Une introduction*, Paris, Éditions Tallandier.

III. TEATRO DE SÉNECA E TROIANAS EM PARTICULAR

- ARMISEN-MARCHETTI, Mireille (1989). *Sapientiae Facies: étude sur les images de Sénèque*, Paris, Les Belles Lettres.
- BARTSCH, Shadi (1994). *Actors in the Audience. Theatricality and Doublespeak from Nero to Hadrian*, London, Harvard University Press.
- BISHOP, J. David (1972). «Seneca's 'Troades': Dissolution of a Way of Life», *Rheinisches Museum für Philologie*, Neue Folge, 115. Bd., H. 4, pp. 329-337.
- BORGO, Antonella (1998). *Lessico Morale di Seneca*, Napoli, Lofredo Editore S.P.A.

- BOYLE, Anthony J. (ed.) (1983). *Seneca Tragicus. Ramus Essays on Senecan Drama*, Berwick-Victoria (Australia), Aureal Publications.
- (1987). «Senecan Tragedy. Twelve Propositions», *Ramus* 16, pp. 78-101.
- (1997). *Tragic Seneca, An Essay in the Theatrical Tradition*, London, Routledge.
- (2006). *Roman Tragedy*, London, Routledge.
- CAMPOS, José A. S. (1972). «O simbolismo do fogo nas tragédias de Séneca», *Euphrosyne* 5, pp. 185-247.
- (1983-1984). «Notas para uma leitura da *Phaedra* de Séneca», *Euphrosyne* 12, pp. 155-176.
- (1987). «A linguagem dos gestos no teatro de Séneca», *Euphrosyne* 15, pp. 109-134.
- (1997). «Ratio e Voluntas no Pensamento de Séneca», *Classica* 22, pp. 79-92.
- (1999). «Séneca, Brecht e o Teatro Épico», *Classica* 23, pp. 9-26.
- COLAKIS, Marianne (1985). «Life after Death in Seneca's 'Troades'», *CW* 78, n.º 3, pp. 149-155.
- DUARTE, Ricardo (2008). *De mater a monstrum: o abismo dos affectus estoicos na Medea de Séneca*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- DUPONT, Florence (1995). *Les monstres de Sénèque. Pour une dramaturgie de la tragédie romaine*, Paris, Belin.
- FANTHAM, Elaine (1981-1982). «Seneca's 'Troades' and 'Agamemnon': Continuity and Sequence», *CJ* 77, n.º 2, pp. 118-129.
- FERREIRA, Paulo S. M. (2011). *Séneca em cena. Enquadramento na tradição dramática greco-latina*, Lisboa, FCG-FCT.
- GIANCOTTI, Francesco (1953). *Saggio sulle tragedie di Seneca*, Roma – Napoli, Città di Castello.
- GRANT, Mark (2000). «Seneca's Tragic Geography», *Latomus* 59, Fasc. 1, pp. 88-95.

- HARRISON, George W. M. (ed.) (2000). *Seneca in Performance*, London, Duckworth.
- HERRMANN, Léon (1924). *Le théâtre de Sénèque*, Paris, Les Belles Lettres.
- HIJMANS, B. L. (1966). «Drama in Seneca's Stoicism», *TAPhA* 97, pp. 237-251.
- KNIGHT, William F. J. (1932). «Magical Motives in Seneca's Troades», *TAPhA* 63, pp. 20-33.
- LAWALL, Gilbert (1982). «Death and Perspective in Seneca's 'Troades'», *CJ* 77, n.º 3, pp. 244-252.
- MCAULEY, M. (2008). *The Representation of Motherhood in Seneca and Statius*, Diss. Cambridge.
- MEDEIROS, Walter de (1995). «A torre e o túmulo em *As Troianas* de Séneca», *Arquipélago* 4, Sep., pp. 381-390.
- MOTTO, Anna Lydia et CLARK, John R. (1984^a). «Seneca's Troades: Hecuba's Progress of Tribulation», *Estudios Clasicos* 26.2, pp. 273-281.
- (1984^b). «Nefas: The Way of the World in Seneca's Troades», *Maia* 36.2, pp. 157-163.
- OWEN, William H. (1968). «Commonplace and Dramatic Symbol in Seneca's Tragedies», *TAPhA* 99, pp. 291-313.
- PACK, Roger A. (1940). «On Guilt and Error in Senecan Tragedy», *TAPhA* 71, pp. 360-371.
- PIMENTEL, Maria C. C. M. S. (1999). «A *meditatio mortis* nas tragédias de Séneca», *Classica* 23, pp. 27-45.
- (2004). «Estoicismo e figuras femininas em Séneca», *Brotéria* 3, vol. 158, pp. 251-268.
- PINHEIRO, Cristina S. (2012). *Orbae matres. A dor da mãe pela perda de um filho na literatura latina*, Lisboa, FCG-FCT.
- PRATT, N. T. (1948). «The Stoic Base of Senecan Drama», *TAPhA* 79, pp. 1-11.
- (1963). «Major Systems of Figurative Language in Senecan Melodrama», *TAPhA* 94, pp. 199-234.

- (1983). *Seneca's Drama*, Chapel Hill and London.
- SCHLEGEL, August Wilhelm von (1994). *Der Literaturpapst der deutschen Romantik*, Stroh.
- TARRANT, R. J. (1978). «Senecan Drama and its Antecedents», *HSPh* 82, pp. 213-263.
- (1995). «Greek and Roman in Seneca's Tragedies», *HSCP* 97, pp. 215-230.
- TOBIN, Ronald W. (1966). «Tragedy and Catastrophe in Seneca's Theater», *CJ* 62, n.º 2, pp. 64-70.
- TRAINA, A. (1979). «Due note a Seneca tragico», *Maia* 31, pp. 273-276.
- (1995). *Lo stile 'drammatico' del filosofo Seneca*, Bologna, Patron Editore.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, Ulrich Von (1907). *Einleitung in die griechische Tragödie*, Berlin, Berlin Weidmann.
- WILLIAM M. Calder, III (1970). «Originality in Seneca's *Troades*», *CPh* 65, n.º 2, pp. 75-82.
- WISEMAN, T. P. (1998). *Roman Drama and Roman History*, University of Exeter Press.
- ZWIERLEIN, Otto (1966). *Die Rezitationsdramen Senecas*, Meisenheim a. Glan.
- (1976). «Versinterpolationen und Korruptelen in den Tragödien Senecas», *WJA* 2, pp. 181-217.

Troianas, de Séneca,
traduzido por Ricardo Duarte,
publicado pelo Centro de Estudos Clássicos
da Universidade de Lisboa,
foi composto em caracteres Adobe Jenson Pro,
e foi impresso na Várzea da Rainha Impressores
em papel Munken Print Cream 90g,
durante o mês de Fevereiro de 2014,
numa tiragem de 300 exemplares.